

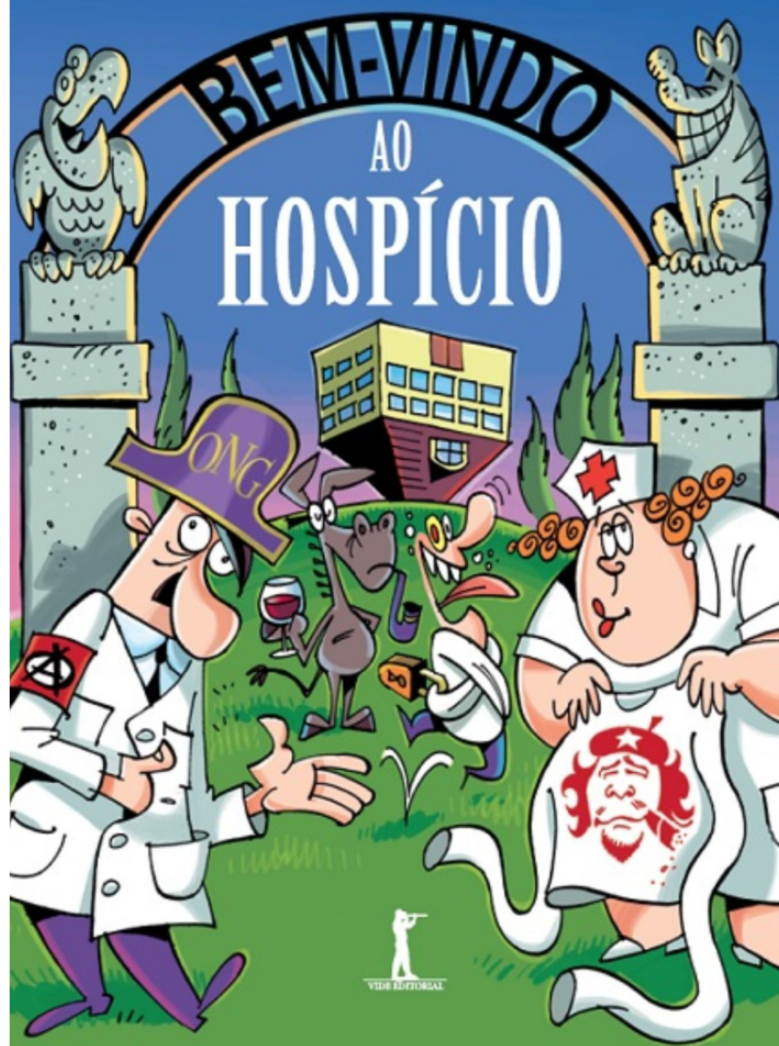
ALEXANDRE COSTA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALEXANDRE COSTA





ALEXANDRE COSTA



Bem-vindo ao hospício
Alexandre Costa
1ª edição – abril de 2016 – CEDET

Copyright © 2016 Alexandre Costa

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Angelo Vicentin, 70 CEP: 13084-060 – Campinas – SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:

Diogo Chiuso

Editor-assistente:

Thomaz Perroni

Revisão:

Roger Campanhari

Editoração:

Virgínia Morais

Capa:

J. Ontivero

Ilustrações:

João Spacca

FICHA CATALOGRÁFICA

Costa, Alexandre

Bem-vindo ao hospício / Alexandre Costa – Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

ISBN: 978-85-67394-86-2

1. Grupos sociais 2. Aspectos específicos da cultura

I. Autor. II. Título.

CDD – 305

306.4

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Grupos sociais – 305

2. Aspectos específicos da cultura – 306.4

Conselho Editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Diogo Chiuso

Silvio Grimaldo de Camargo

Thomaz Perroni

VIDE EDITORIAL – www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

Disclaimer

As formas de loucura abordadas neste trabalho, assim como os exemplos de sintomas e pacientes, não correspondem àquelas descritas no CID 10 (*Classificação Internacional de Doenças*). Mesmo não sendo essa a intenção, isso não elimina, evidentemente, a possibilidade de que entre alguns “doentes” seja possível um diagnóstico clínico tradicional.

Portanto, se você veio aqui esperando encontrar informações que ajudem a diagnosticar seus comportamentos estranhos, suas alucinações ou aquela mania de levar a sério até mesmo um trabalho como este, procure um médico imediatamente.

Nota

Em meu trabalho anterior, coloquei em negrito vários termos que mereciam um aprofundamento. Muitas pessoas gostaram porque, segundo elas, facilitava uma pesquisa mais completa. Volto a selecionar alguns destaques que não tiveram espaço, mas desta vez criei um site com informações que completam o livro. Coloquei o endereço no final para tentar criar pelo menos um motivo para a leitura de todas as páginas.

Sumário

Introdução

Por que fiz este livro

Loucura

O caminho da loucura

De médico e louco...

A era da confusão, da burrice, da maldade

Antecedentes

Amnésia coletiva e (quase) generalizada

História do Brasil e do mundo

Idade das Trevas

Os milhões da Inquisição

As Cruzadas assassinas

A Igreja e a Ciência

História contemporânea

O governo militar

A ideologia sob os escombros

Sintomas e exemplos de uma sociedade doente

Psicoses políticas

Democracia

Monarquia

Capitalismo ou economia?

TOCs – Transtornos Obsessivos Coletivistas

Socialismo e comunismo

“Mas o comunismo acabou”

Fascismo, nazismo

Anarquistas estatais

Esquerda – direita

A estupidez é ambidestra

A miserável “zé-lite”

Psicopatas ou histéricos?

“Eu finjo que falo a verdade e você finje que acredita”

Mentalidade burocrática

Nem oito, nem oitenta milhões

Ufanismo e “viralatice”

Acredita em pesquisas? E em duendes?

Tudo que é ruim pode piorar

Reforma Política

Criminalidade

“Glamourização” do criminoso

Desarmamento

Maioridade penal

Diagnóstico e tratamento das psicoses políticas

Neuroses culturais

Zeitgeist

Relativismo

Cientificismo

Linguagem

Preconceito lingüístico

Arte “moderna”

Música para as massas

Amadorismo no esporte já!

Paulo Freire, o Rei da “Educassão”

Esses jornalistas...

Conspiração ou “Teoria das Coincidências”?

Nem com a Internet?

Os “especialistas”

Copiando e colando e seguindo a manada

O PIG e o BIFE

A Lei Rouanet e as consciências em promoção

Humoristas a favor

Diagnóstico e tratamento das neuroses culturais

Loucuras sociais (ou Os amigos do Rivotril)

Politicamente correto

As fofoqueiras virtuais

Ativistas

Transtorno de hipersensibilidade

Ativismo gay

Ideologia de gênero

Feministas

Bullying

Vegetarianos

Dietas

Antitabagistas

Ateístas

Moda

“Modernetes” ou “urbanóides”

“Eco-chatos”

O Zimbabwe, o leão e os fetos

Sacolas de supermercado

Diagnóstico e tratamento das loucuras sociais

Conclusões

[Uma última nota](#)

[Um relato](#)

[Saiba mais](#)

[Respostas aos xingamentos mais prováveis](#)

[Exame sugerido](#)



Introdução

“A ridicularização é a única arma que pode ser usada contra proposições ininteligíveis”.

– Thomas Jefferson

Por que fiz este livro

Boas idéias nascem como reações ao perigo, ao inesperado e ao absurdo. Reagir a um mundo cada dia mais louco, listar os sintomas da loucura e convidar o leitor a rir de algumas idiossincrasias modernas são as idéias que preenchem este livro. Não cabe ao autor, no entanto, dizer se elas são boas idéias ou idéias de jerico.

Desde o lançamento do livro *Introdução à Nova Ordem Mundial*, em 2013, tenho dedicado meu tempo à administração da minha loja virtual e às pesquisas relacionadas ao meu próximo trabalho, um livro de ficção que há anos ronda a tela do meu computador. Este afastamento proposital, que além dos motivos citados também ocorre devido a total falta de motivação política, não impediu, de forma alguma, que eu fosse reunindo algumas observações sobre o atual panorama brasileiro e mundial.

Como não tinha e não tenho mais nenhum interesse em escrever sobre política, o objetivo deste livro é simplesmente reunir algumas destas observações, que estão muito mais próximas do espanto do que da indignação.

Decidi reunir as notas que compõem este livro no momento em que vi, pela TV, uma entrevista com um membro do grupo “anarquista” Black Bloc. Devidamente mascarado e com a voz deformada pela edição, o sujeito afirmou que sua condição de membro do grupo era fundamental em sua vida, e logo em seguida ele mostrou completa ignorância sobre o assunto que caracteriza sua personalidade, o que fez tudo parecer ainda mais absurdo. Dentre outras bizarrices, o indivíduo se dizia anarquista e, ao mesmo tempo, queria o imposto sobre grandes fortunas, moradia grátis, ônibus grátis, faculdade grátis, hospitais grátis, roupas grátis e, claro, almoço grátis. Na entrevista ele também reclamava da exagerada valorização que a sociedade dá à imagem, e mais adiante perguntou se era possível refazer uma parte da entrevista, pois achou que não tinha ficado fotogênico em determinado trecho.

Não posso dizer, contudo, que a entrevista tenha inspirado este

trabalho. Ela foi apenas um gatilho. Este livro foi inspirado muito mais na pergunta do Groucho Marx: “Você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?”.

Claro que alguns ótimos livros também me inspiraram, muitos deles foram citados ao longo da obra e outros estão no capítulo ***Saiba mais***, mas entre os mais recentes destaco *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*,¹ e *Mentiram (e muito) para mim*,² e entre os nem tão novos assim ressalto *O Alienista*,³ *O imbecil coletivo*,⁴ e as obras da série *História politicamente incorreta*,⁵ do Leandro Narloch e do Luiz Felipe Pondé.

Este livro é uma reação ao espanto de perceber o mundo cada dia mais louco, e como nem sempre a loucura é inofensiva, o mundo está ficando perigoso. Perigosamente louco! Como colocar querosene no frasco idêntico ao do colírio e guardar os dois na mesma gaveta

Loucura

Poucas palavras do nosso idioma possuem tão vasto número de significados. Por mais diferenças que tenham, no entanto, todas, ou quase todas as acepções parecem indicar a loucura como uma distorção na capacidade de interpretar a realidade.

Das mais populares às mais científicas, toda definição de loucura sempre diz respeito a um conjunto de fatores que levam o indivíduo a entender o mundo que o cerca de forma diferente dos demais, ou pelo menos da maioria.

Em seu *Dicionário etimológico*,⁶ Antônio Geraldo da Cunha diz que a origem da palavra loucura é obscura; o *Aurélio* diz que louco é o sujeito que perdeu a razão, que está fora de si, contrário à razão ou ao bom senso. Eu prefiro chamar de louco aquele que toma uma pedrada no peito e olha para trás para ver quem foi.

O caminho da loucura

Para trilhar o caminho da loucura, apesar de largo e bem pavimentado, é preciso seguir alguns passos. Não se fica louco sem um pouco de método.

Para começar, é preciso, ingenuamente doar um dinheiro para uma ONG ambientalista; depois tem que ignorar que quase nunca os interesses declarados de uma proposta correspondem aos seus reais objetivos; tem que ser idiota o suficiente para acreditar que não existe argumento contrário ao seu pensamento; para o próximo estágio é preciso um pouco de esforço, tem que atingir um nível de burrice mais

elevada, algo como ler algum livro do George Orwell⁷ e não perceber que ele está criticando exatamente aquilo que você defende. Por fim, o último estágio, ou a loucura propriamente dita, é uma espécie de soma de todas as etapas anteriores: para ser louco é preciso um conjunto ordenado de atitudes, como por exemplo, acreditar, defender e argumentar a favor da proibição das sacolinhas de supermercado.

Podemos então descrever esse caminho na forma de um diagrama:

Ingênuo – Ignorante – Idiota – Burro – Louco

De médico e louco...

Se a definição da palavra loucura é algo extremamente complexo, o diagnóstico do louco é algo ainda mais confuso. Longe das categorias definidas pela medicina e dentro das acepções próximas às que uso nesse livro, acho difícil que alguém com menos de cinco ou seis décadas de vida esteja imune à influência de algum nível de demência.

O mundo enlouqueceu no século XX, especialmente em seus últimos 40 ou 50 anos. As ideologias e teorias científicas que passaram a dominar o discurso público nesse período têm como principal característica o afastamento da realidade. Seja pela discordância diante do que demonstram nossos sentidos, seja pela ausência total ou parcial dos valores que sempre definiram a nossa civilização. De qualquer forma, é quase impossível encontrar sanidade em um mundo governado por ideologias, pelo pragmatismo raso e pela religião do cientificismo.

Diante desse panorama, acreditar que o autor destas notas habite um porto seguro da sanidade é a coisa mais louca que se pode conceber.

A era da confusão, da burrice, da maldade

Durante o período em que reuni estas notas, dar a elas um título foi um desafio considerável. Antes mesmo de chegar à organização definitiva que está impressa nestas páginas, cheguei à conclusão de que a nossa sociedade está doente. Visivelmente doente. Com uma doença que pode ser descrita de muitas maneiras.

Por conta das incongruências existentes entre os discursos políticos e culturais e a realidade, tão diferentes que beiram a oposição total e irrestrita, pensei em algo como “A era da confusão”.

Quando o trabalho foi tomando mais corpo, ficou evidente que estamos diante da época mais favorável à proliferação da estupidez, da ignorância e da incapacidade intelectual coletiva, por isso cheguei

a cogitar “A era da burrice”.

Com o trabalho quase pronto ficou evidente que a influência de interesses nem sempre muito claros por trás da disseminação da confusão e da burrice, pareceu-me adequado um título como “A era da maldade”.

Como o conjunto destas notas certamente provoca mais espanto do que indignação, e como também não tinha tanto interesse em ser levado a sério, achei que este livro deveria remeter ao provável resultado que se obtém da soma de confusão, burrice e maldade: a loucura.

Pensei então no título “A fuga do Dr. Mabuse”, uma espécie de fábula adaptada sobre um pilantra alucinado que foge do manicômio e assume o controle de toda sociedade. Esse conceito certamente representaria bem como vejo o mundo de hoje, mas acho que o nome escolhido combina melhor com um livro que está mais para um daqueles catálogos que entregam na entrada de locais públicos como museus, zoológicos e, agora, também no hospício.

Seja bem-vindo e boa leitura!

1 Olavo de Carvalho. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013. 2 Flavio Quintela. *Mentiram (e muito) para mim*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2014. 3 Machado de Assis. *O Alienista*. Publicado originalmente entre 1881 e 1882, no periódico *A Estação*, e lançado como livro em 1882, no volume *Papéis avulsos*. 4 Olavo de Carvalho. *O imbecil coletivo*. São Paulo: É Realizações, 2006. 5 Série de livros da Editora Leya que abordam a história, a política e a filosofia com um ponto de vista um pouco diferente da maioria. 6 Antônio Geraldo da Cunha. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 1982. 7 Dois livros de George Orwell que abordam o totalitarismo: *A revolução dos bichos* e 1984.



Antecedentes

“A História é émula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro”.

– Miguel de Cervantes (Dom Quixote).

Na medicina nem toda patologia pode ter sua origem rastreada, nas doenças intelectuais que abordamos aqui elas nunca surgem sem que tenham sido influenciadas por uma espécie de ignorância histórica que costuma evoluir para o que podemos chamar de amnésia coletiva. Da ignorância e amnésia passamos à histeria e a praticamente todas as outras neuroses.

Quase todas as neuroses que observaremos neste livro foram profundamente influenciadas pela desinformação a respeito dos itens que seguem nesta seção. São os “antecedentes” da insanidade, o substrato de onde brotam as loucuras, os absurdos que se instalaram no consciente e até no subconsciente do indivíduo e que contribuem decisivamente para que ele interprete o mundo de maneira peculiar e, geralmente, equivocada. Os antecedentes, ou melhor, a distorção das informações que se cristalizaram na mente do sujeito deforma também o caráter e a capacidade de raciocinar dentro da lógica e de acordo com os fatos.

Os antecedentes de um paciente são tão importantes para o diagnóstico quanto a atenta observação dos sintomas. Com a sociedade é a mesma coisa.

Amnésia coletiva e (quase) generalizada

Desde criança ouço as pessoas dizerem que o brasileiro não tem memória. Poucos ditados continuam a fazer sentido depois de tanto tempo. Além do notável ódio ao estudo, à pesquisa e ao conhecimento, o povo que habita essa terra tropical insiste em esquecer as coisas com muita facilidade.

Meu pai, que foi uma pessoa de incrível memória mesmo depois dos 70 anos, costumava ficar indignado quando via na imprensa uma autoridade se contradizendo ou defendendo aquilo que antes condenava. Lembro bem de sua reação diante da indiferença de alguns “analistas” quando Jânio Quadros se candidatou à Prefeitura de São Paulo, anos depois de renunciar à Presidência e deixar o Brasil imerso no caótico governo de seu vice-presidente.¹

A falta de memória individual não chega a ser uma tragédia – desde que não seja, evidentemente, uma doença clinicamente verificável ou um problema que afete a vida cotidiana do esquecido –, mas quando a amnésia é coletiva, pavimenta-se o caminho para o precipício.

Em uma época de Internet onipresente, de livros *online* e aulas em vídeo, apenas a preguiça ou a má-fé justificam a repetição de erros históricos, de falácias que não se sustentam ou de chavões ideológicos. Mesmo assim o que vemos de gente louca repetindo bobagens é absolutamente assustador, e esse número não pára de crescer.

Quando as deficiências de memória coletiva são fomentadas por um sistema educacional apodrecido pela ideologia, a realidade histórica se perde entre um amontoado de chavões vazios de significado, que funcionam apenas como palavra gatilho, que quando lançadas disparam respostas automáticas inculcadas há décadas nas mentes hipnotizadas por doutrinadores burros ou mal intencionados.

É possível elencar alguns exemplos que demonstram como funciona essa doutrinação, sem esquecer que todos os esquecimentos, deturpações, omissões e exageros sempre obedecem a uma raiz ideológica que a conduz tão distante da realidade quanto for necessário para os objetivos do grupo de pressão mais barulhento. Não importa a realidade, o que importa são os resultados da sua distorção, conforme veremos nas próximas seções.

História do Brasil e do mundo

Desde pelo menos o fim da década de 1980 a narrativa histórica do Brasil sofreu um desvio considerável e a consequência foi um distanciamento da verdade com o objetivo de se encaixar melhor em um conjunto de interesses políticos. Com o intuito de justificar um discurso atual, o passado foi transformado e adaptado, criando um vácuo de compreensão que atinge praticamente todas as disciplinas, com especial ênfase na História.

Como sempre acontece quando a ideologia substitui o fato, relatos, testemunhos e documentos de fontes primárias foram abandonados e novas interpretações fora de contexto ocuparam o seu espaço. O resultado foi que a realidade passou a ser vista como um detalhe muitas vezes indesejável e o senso comum do brasileiro se distorceu a ponto de aceitar absurdos inconciliáveis com a razão ou com a lógica.

Além dos livros didáticos deturpados com a finalidade de criar ferramentas de ideologização, as universidades, a imprensa e a classe artística repetiram durante décadas o mesmo discurso, fazendo do povo brasileiro um dos mais ignorantes sobre sua própria história.

Há décadas estão nos entupindo de ideologia disfarçada de História. A ascensão desse revisionismo barato, feito sob medida para justificar e fortalecer o processo de tomada e manutenção do poder, como era de se esperar, afastou as pessoas do seu passado real e dificultou ainda mais a interpretação do presente. Fácil imaginar também os estragos que o acúmulo de informações equivocadas ou deturpadas pode fazer com o planejamento de eventos futuros.

O fenômeno é mundial, mas dada a habilidade brasileira de se destacar naquilo que não presta, nossa sociedade só vai deixar de ser um aglomerado de mentes deformadas pela ideologia quando a História deixar de ser contada com a mesma superficialidade das novelas. Principalmente sobre alguns temas.

Idade das Trevas

Com raríssimas exceções, programas de TV, revistas e até livros didáticos tratam a Idade Média, período que geralmente corresponde do século V ao século XV, como se fosse uma era de estupidez generalizada, gente atrasada, povo selvagem e crédulos ignorantes.² Para esses malucos, que igualam séculos e dezenas de nações, o mundo e sua história funcionam como em um pequeno tabuleiro fixo e congelado no tempo.

Boa parte das bobagens que circulam sobre a Idade Média teve origem nos escritos dos iluministas, e o objetivo era denegrir a imagem da Igreja Católica. Desde o Iluminismo e a Revolução Francesa³ nada garante mais pontos entre o senso comum dos preguiçosos intelectuais do que a Igreja e o cristianismo, mesmo que para fundar suas críticas seja preciso omitir, exagerar ou mentir.

Denegrir a Idade Média é um meio eficiente de atacar um período histórico em que a religião cristã era a força intelectual mais presente na vida das pessoas, quando o cristianismo era a “filosofia” reinante, que fundava toda a cosmologia da época.

A Idade Média foi um período com altos e baixos, como todos, mas em boa parte do tempo e na maioria dos lugares foi incomparavelmente menos burocrática e o povo estava mais perto da liberdade do que normalmente se supõe atualmente. Nunca houve, nem haverá uma sociedade perfeita, e a História mostra que a prosperidade e a felicidade são inversamente proporcionais ao planejamento e ao controle da sociedade. Quanto mais controle, mais sofrimento.

Para entender os motivos da doutrinação contrária ao que foi a Idade Média é preciso perceber que recontar o passado é uma forma

de controlar o presente. De que outra maneira podemos explicar essa má vontade com a época que deu à luz as catedrais, a tradição da cavalaria e da nobreza européia, sem contar gênios como Alberto Magno e Tomás de Aquino?

Os milhões da Inquisição

Qualquer um já deve ter ouvido as baboseiras que se fala na imprensa, nas escolas e universidades a respeito do que foi o Tribunal da Inquisição. Da mesma maneira que a Lei de Godwin, que garante que à medida que avança uma discussão política, a probabilidade de surgir alguma comparação com o nazismo ou com Adolf Hitler é de 100%, qualquer discussão relacionada a religião ou espiritualidade leva inapelavelmente à acusação de “inquisidor”.

Para começar, antes do surgimento da Inquisição as divergências religiosas ou morais eram resolvidas sem que houvesse nem mesmo um interrogatório ou inquérito. Qualquer desavença levantada pela turba ou pelo poder temporal resultava em uma sentença definitiva e quase que invariavelmente levava os acusados à morte de forma violenta e cruel. Todas as acusações públicas terminavam mais ou menos da mesma forma, e quando a pena resultava apenas em tortura o condenado podia se considerar uma pessoa de sorte

Para evitar as condenações injustas e ao menos tentar estabelecer julgamentos mais racionais, a Igreja Católica criou o Tribunal da Inquisição nas primeiras décadas do século XIII, após cerca de 100 anos de desenvolvimento e reflexão.

Não é possível entender seu objetivo sem compreender o contexto histórico. Desde a Antigüidade os crimes eram punidos com muito rigor e alguma crueldade. Os códigos legais de Ur-Nammu e Hamurabi deixam bem claro que os antigos não toleravam criminosos e as condenações dependiam de critérios exóticos e subjetivos, com pouca chance de defesa e quase nenhuma garantia humanitária.

Os julgamentos na antiga Roma, na China, na Índia, na Pérsia e em outros povos antigos mantiveram praticamente as mesmas condições, e a condenação de Sócrates mostra que mesmo na Grécia, com seus avançados parâmetros sociais, a vida e a integridade de um acusado não tinham muito valor. Nem vamos citar os bárbaros ou as tribos africanas e americanas porque seria covardia.

Mesmo com a gradativa cristianização da Europa, muitos dos hábitos antigos permaneceram entre a população, e a Lei de Talião, ou o “olho por olho, dente por dente” de Hamurabi, continuava presente na sociedade, apesar das recomendações contrárias proferidas não

apenas pelos principais líderes cristãos, mas pelo próprio Jesus Cristo.

Essa contradição entre a prática social e o discurso religioso, com o tempo, evidenciou a necessidade de criar um novo parâmetro mínimo para os julgamentos públicos, um conjunto de critérios que formasse uma espécie de código moral para guiar os acusadores e garantir alguma justiça para as vítimas sem prejudicar desnecessariamente os acusados.

A criação da Inquisição, cuja palavra vem de “inquirir”, ou interrogar, foi um avanço para a época, uma forma de ao menos tentar dar aos julgamentos uma regra, um critério para fazer justiça. Isso não significa, evidentemente, que não ocorreram injustiças ou exageros. O que não podemos é julgar o resultado séculos depois, isolando o contexto histórico que o originou.

Quando falamos em Inquisição, devemos lembrar que eram vários fenômenos paralelos ocorrendo ao longo do tempo, separados por longas distâncias temporais e geográficas. Em vários lugares as condenações se davam por interesses políticos e a Igreja muitas vezes nem ficava sabendo do ocorrido, cabendo apenas a reis e autoridades seculares o julgamento e a punição dos acusados, sem falar que tudo ocorria em um cenário de constantes conflitos religiosos. O que ocorria na Espanha, por exemplo, era completamente diferente do que acontecia no resto da Europa. Para compreender melhor o que foi a Inquisição, é preciso separar os fenômenos que hoje são colocados em um mesmo saco.

O número de processos, julgamentos e condenações é outro fator que merece atenção. Nossos livros de história e nossos *opinadores* profissionais costumam multiplicar os números sem se ater a qualquer razoabilidade. Há poucos anos ouvi um professor dizendo na TV que a Inquisição matou milhões de pessoas, MILHÕES!

De acordo com registros históricos coletados por pesquisadores sérios e descomprometidos, a Inquisição,⁴ ao longo de mais de quatro séculos condenou cerca de 6.000 pessoas, e muitas das execuções foram simbólicas, pois os julgamentos e sentenças ocorriam à revelia do acusado, que sabendo antecipadamente do que o esperava, evidentemente fugia.

Vale ressaltar que a Revolução Francesa, que prometia reparar os erros da Igreja Católica, logo nos primeiros anos multiplicou por 20 o número de mortes. A guilhotina, O Terror, as perseguições ampliaram e compactaram temporalmente o morticínio.

Ninguém nega que a Inquisição abrigou grandes erros, e ninguém pode aceitar que nem mesmo uma pessoa perca sua vida por razões

religiosas, principalmente quando o carrasco pertence a um grupo de pessoas que diz seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, mas negar os fatos para que a narrativa corrobore com uma ideologia muito mais assassina não é apenas imoral, é assumir uma insanidade criminosa.

As Cruzadas assassinas

Da mesma forma que ocorre com a Inquisição, a desonestidade intelectual e a simples ignorância trabalham duro e sem cessar para difundir asneiras sobre os vários conflitos que hoje chamamos de Cruzadas. A resposta cristã contra a invasão islâmica veio com séculos de atraso e, dentro do contexto, mostrou-se necessária.

Os peregrinos que seguiam para a Terra Santa eram constantemente atacados por soldados islâmicos, e, como a peregrinação era considerada um ato religioso, os europeus se revoltaram e exigiram de seus líderes uma resposta à altura.

É claro que devem ter ocorrido diversas atrocidades. Como dizia o General Leônidas, “a única coisa bonita em uma guerra é a vitória”. Como sempre ocorre em uma guerra, as narrativas ocidentais contam a história de uma forma, os orientais dizem o contrário. Porém, duvido muito que entre os muçulmanos um grande escritor ou um cineasta de ponta se proponha a contar a história das Cruzadas com a visão do Ocidente. Os ocidentais, no entanto, adoram vitimizar os islâmicos e chegam a colocar o grande guerreiro Saladino como um pacifista, um coitadinho aos moldes da ONU.

Para sair desse transe, sugiro a leitura dos livros de Jonathan Riley-Smith,⁵ professor do Emmanuel College, em Cambridge, e do Dr. Paul F. Crawford,⁶ do Departamento de História e Ciências Políticas da Universidade de Pensilvânia.

A Igreja e a Ciência

Outra bobagem que merece registro apenas porque está na boca de todos sem que possua qualquer relação com a verdade é a afirmação de que a Igreja Católica é uma inimiga da ciência. A maioria das vezes que ouvimos essa estupidez, quem a profere a faz com ares de superioridade, nobreza e grande sabedoria, como se fosse, ele mesmo, um indivíduo mais inteligente do que aqueles que a Igreja produziu. Diante destas pérolas de humor involuntário, sempre imagino algo como um jumento, de terno, palestrando no estábulo sobre as deficiências da filosofia de Aristóteles.

Essa afirmação, ou melhor, essa acusação de que a Igreja odeia o

conhecimento científico, que já virou uma lenda urbana das mais difundidas, quase sempre vem acompanhada de exageros sem limites, que o jumento acredita fortalecer sua tese: são os “milhões da Inquisição”, as “chacinas das Cruzadas”... Já cheguei a ver um professor universitário dizendo que a Igreja queimava todos que se intitulassem “cientistas”.

Como qualquer instituição, muitos dos seus membros cometeram, cometem e cometerão muitos erros, alguns gravíssimos, mas condenar toda uma história de 2.000 anos sem levar em conta os inúmeros benefícios que foram incorporados à nossa civilização é, na melhor das hipóteses, uma evidente estupidez, e, na pior, uma maldade abominável. A Igreja criou e disseminou os orfanatos, asilos, universidades e hospitais gratuitos, promoveu a igualdade e a caridade, condenou a escravidão, o canibalismo e a exploração dos mais fracos e, para desespero dos seus inimigos, promoveu a ciência como ninguém mais ao longo da História.⁷ O fato é esse: ninguém incentivou tanto a ciência, prova disso é que a Igreja Católica teve entre seus quadros mais cientistas do que qualquer outra instituição. Além dos óbvios Nicolau Copérnico, Gregor Mendel, Guilherme de Ockham, Roger Bacon, Agostinho, Alberto Magno e Tomás de Aquino, existem centenas, talvez milhares de nomes cuja contribuição às mais variadas formas de ciência é indiscutível. Aqui estão apenas alguns entre os mais famosos:⁸

- **Roberto Landell de Moura** (1861 – 1928), padre: pioneiro do rádio e Patrono dos Radioamadores do Brasil.
- **Bartolomeu Lourenço de Gusmão** (1685 – 1724), sacerdote secular: inventor do primeiro aeróstato operacional e um dos precursores da aviação.
- **Giuseppe Piazzi** (1746 – 1826), padre: matemático e astrônomo italiano, descobriu o *Cerere Ferdinandea*, hoje conhecido como o planeta anão Ceres. Foi homenageado várias vezes: em 1923 o milésimo asteroide a ser numerado foi batizado como *1000-Piazzi*, e o seu nome também foi dado a uma cratera lunar e a uma provável cratera em Ceres, fotografada pelo telescópio Hubble.
- **Cristóvão Clávio** (1538 – 1612), jesuíta: gênio da matemática, redigiu a versão latina dos *Elementos de Euclides*, que serviu de base para os estudos de Des artes, Leibniz e outros matemáticos do Renascimento. Foi o primeiro a usar o ponto decimal e uma cratera na lua também ganhou o seu nome.
- **Giovanni Battista Riccioli** (1598 – 1671), padre: foi o primeiro a medir a taxa de aceleração de um corpo em queda livre.

- **Francesco Maria Grimaldi** (1618 – 1663), teólogo: foi aluno de Riccioli e juntos fizeram alguns dos mais importantes estudos sobre a lua.
- **Teodorico de Freiberg** (1250 – 1350), monge dominicano: autor de várias obras de filosofia, teologia e tratados científicos, entre elas *O Ente e a Essência e Tratado da origem das coisas categoriais*. Fez uma experiência conseguindo reproduzir o arco-íris primário e secundário.
- **Athanasius Kircher** (1601 – 1680), jesuíta: cientista, inventor e pesquisador incrivelmente versátil, teve grande influência em sua época. Fez estudos sobre vulcões, magnetismo, peste bubônica, elefantes, arqueologia, egiptologia e matemática; inventou relógios e projetores de imagens, fez muitos mapas e escreveu mais de 40 livros, entre eles o famoso “*Mundus Subterraneus*” (1665), com ilustrações explicativas sobre o interior da Terra.
- **Richard de Wallingford** (1292 – 1336), monge: criou métodos de cálculos astronômicos e inventou um relógio que até hoje é tido como um dos mais complexos. Foi citado pelo professor José Maria Bassalo em “*Uma breve História dos relógios*”.
- **Jean-Baptiste Carnoy** (1836 – 1899), padre: pesquisador com atuação na botânica e biologia, contribuiu decisivamente para o estudo da citologia e da histologia.
- **Georges Édouard Lemaître** (1894 – 1966), padre: responsável por várias teorias que mais tarde foram comprovadas por meio de telescópios mais avançados do que os existentes em sua época. Foi o criador da “hipótese do átomo primordial”, que mais tarde ficaria conhecida como Teoria do Big Bang.
- **James B. Macelwane** (1833 – 1956), padre: foi presidente da União Geofísica Americana e um dos homens mais importantes na história do desenvolvimento e ensino desta ciência. Hoje existe uma medalha com seu nome, que busca premiar os melhores trabalhos na área.
- **Benedetto Castelli** (1578 – 1643), padre: brilhante matemático e pesquisador na área da hidráulica. Estudou a obra de Copérnico e foi aluno de Galileu, que o indicou como seu substituto na Universidade de Pisa. Também foi o professor de Evangelista Torricelli, inventor do barômetro.
- **Christian Mayer** (1719 – 1783), jesuíta: estudante e professor de astronomia. Foi um dos pioneiros nos estudos de estrelas binárias e chegou a publicar um catálogo em 1781. Ganhou uma bolsa de estudos na Royal Society.

•**Marin Mersenne** (1588 – 1648), padre: foi um divulgador científico e organizador de encontros entre cientistas. Contribuiu para a teoria dos números, para a física, geometria e música, com sua obra sobre a ressonância natural. Um asteróide recebeu o seu nome.

É difícil imaginar que uma instituição que tem ódio pela ciência teria entre seus quadros tantos gênios como esses, principalmente se lembrarmos que alguns deles foram tão admirados e respeitados que receberam o título de “Santo” e até hoje servem de modelo para os demais católicos.

História contemporânea

Deturpar os fatos no intuito de favorecer uma ideologia não é algo que ocorre apenas com as narrativas mais antigas. Na História recente muitos absurdos são cometidos nos livros didáticos e diariamente pela imprensa, resultando em um povo com uma formação tão distante da realidade quanto o indivíduo que acredita ser o Napoleão.

Ronald Reagan e Margareth Thatcher, por exemplo, duas personalidades admiradas e amadas em seus países são tratadas no Brasil como aberrações políticas que contribuíram para todos os males da civilização, e para dar corpo às suas preferências políticas, jornalistas e professores universitários distorcem informações, exageram ou ocultam detalhes cruciais da carreira política dos dois líderes respectivamente mais admirados na história recente dos EUA e Inglaterra.

Por outro lado, outros personagens têm sua história moldada posteriormente, de maneira a se adequar e simbolizar uma ideologia. Che Guevara, por exemplo, fuzilava dissidentes, odiava negros e homossexuais e atualmente é usado como símbolo da liberdade de expressão e da igualdade de direitos.⁹ Lênin, Stalin, Mao e Fidel são alguns outros exemplos de personagens transformados pelo tempo: nunca suportaram opiniões contrárias às suas, mas hoje são tratados como símbolos por pessoas que adoram dizer que são democráticas e progressistas

O governo militar

No início dos anos 60 do século passado o país caminhava rumo ao precipício. Após a renúncia de Jânio Quadros e a conseqüente posse de João Goulart, o povo brasileiro percebeu que a melhor, ou talvez única alternativa, era uma intervenção militar que retomasse a ordem e o progresso, estampados em nossa bandeira mas bem distantes da

realidade daquela época (e dessa também, se me permitem).

A imprensa, as igrejas, os intelectuais e artistas, as associações de empresários e trabalhadores pediram, imploraram por uma interferência dos generais antes que o descalabro se tornasse irreversível. E foi o que aconteceu.

A esperança do povo era que os militares limpassem a casa e voltassem para os quartéis após alguns meses, ou assim que a ordem estivesse restabelecida. Mas não foi o que aconteceu.

Durante 21 anos o Brasil seguiu governado pelos homens de verde-oliva, que, inegavelmente, fizeram uma administração exemplar em algumas áreas, mediana em outras e terríveis em algumas poucas – mas essenciais à vida democrática.

Nunca, nem antes nem depois dos generais, o Brasil cresceu tanto. Nossa posição econômica mundial subiu vertiginosamente, algumas obras essenciais colocaram o Brasil no mapa, a segurança pública era excelente e a nossa educação básica, apesar de restrita, era muito boa, exatamente o inverso da universalidade precária de nossos dias atuais.

Ao contrário do que a narrativa ideológica que as escolas, universidades e imprensa repetem *ad nauseam*, a intromissão governamental na vida do cidadão durante o regime militar era infinitamente menor do que o atual regime democrático e “progressista”.

Dentre as barbeiragens desse tempo podemos lembrar a maldita reserva de mercado, que atrasou o país em décadas na área tecnológica, ajudando a formar monopólios e a limitar o conforto e os direitos da sociedade.

Outro ponto detestável daquela época foi a censura à imprensa, que deve ser criticada sempre e a todo instante, seja ela com fuzis, como foi durante duas décadas, ou com dinheiro público, como ocorre atualmente.

Também não é motivo de comemoração as 2.000 prisões políticas, as torturas e as 600 mortes – que inacreditavelmente já renderam mais de 18.000 indenizações, em mais um milagre da multiplicação que só acontece em terras tupiniquins. No meu entender, esses números vergonhosos, no entanto, não se comparam aos atuais 60.000 homicídios e 50.000 estupros por ano, principalmente se lembrarmos que muitas mortes daquela época ocorreram em confrontos que também mataram cerca de 200 soldados e civis inocentes, e que muitos dos presos eram financiados por países comunistas e não lutavam em defesa da democracia, como eles alegam, mas por algo que eles chamam de “ditadura do proletariado”.

Esses são os principais fatos¹⁰ sobre um regime que cometeu erros gravíssimos e acertos consideráveis, principalmente dentro do contexto histórico. O resto é ideologia, uma praga que quando enraizada é uma forma bem eficiente de levar uma sociedade inteira à loucura.

A ideologia sob os escombros

Se o leitor analisar os itens anteriores vai perceber que existe uma intenção deliberada, mesmo que não declarada ou explícita, de construir uma narrativa que justifique determinadas atitudes do presente, uma falsa memória que esteja comprometida com determinados interesses e não com a verdade, ou seja, para favorecer o projeto de poder do grupo que se identifica, um grupo enorme de pessoas está disposto a contar uma história que não aconteceu

Uma ideologia só alcança o poder de fato quando influencia toda cultura, toda cosmologia da sociedade. Para beneficiar os seus amigos, para facilitar as ações estratégicas do presente ou do futuro e, principalmente, para que o discurso ideológico faça sentido, a História será distorcida e a verdade será abandonada pelos ideólogos e pelos idiotas úteis sempre que for preciso.

Recontar a História enaltecendo os elementos que interessam à ideologia e minimizando, ocultando ou distorcendo os fenômenos que a desmentem tem funcionado como importante ferramenta para as ideologias totalitárias que desde o início do século XX vêm esmagando a liberdade do indivíduo e freando a prosperidade do planeta. Não é por outro motivo que reescrever a História era a profissão de Winston Smith,¹¹ em 1984.

¹ Leia as notícias da época. Existem edições de jornais e revistas disponíveis online. ² Veja como esses conceitos são rasos lendo *O Outono da Idade Média*, de Johan Huizinga, e os livros de Georges Duby. ³ Leia: *Reflexões sobre a revolução na França*, de Edmund Burke (Reflections on the Revolution in France (em inglês), Campinas, SP: Edições Livre, 2016). ⁴ Livros interessantes que tratam do assunto: *Para entender a Inquisição*, de Felipe Aquino, São Paulo: Cléofas, 2012.; *Inquisição: História, mito e verdade*, de Joseph Bernard, São Paulo: Formato, 2012. ⁵ *The Crusades: a History; The Crusades: a Short History*. ⁶ *The Templar of Tyre*. ⁷ Procure pelos trabalhos de Thomas Woods, principalmente seu livro *Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental*, São Paulo: Quadrante, 2011. que inclusive se transformou em um documentário disponível no YouTube. ⁸ Para quem pretende se aprofundar no assunto o Google está repleto de links para listas de padres que contribuíram e continuam contribuindo com o desenvolvimento dos mais diversos campos da ciência. ⁹ Leia *O verdadeiro Che Guevara – E os idiotas úteis que o idolatram*, de Humberto Fontova, São Paulo: É Realizações, 2009; tradução de Érico Nogueira ¹⁰ Para fazer um contraponto ao falatório hegemônico sobre a época, sugiro a leitura das obras *A Verdade sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, 10ª ed., Editora Brilhante Ustra, 2014, e *Orvil: Tentativas de tomada de poder*, de Lício Maciel, São Paulo: Editora Schoba, 2012. ¹¹ Personagem do livro 1984, de George Orwell. Sua função é modificar as informações sobre fatos anteriores para reescrever a história de acordo com os interesses momentâneos do governo.



Sintomas e exemplos de uma sociedade doente

“O maior inimigo da autoridade é o desprezo, e a maneira mais segura de solapá-la é o riso”.

– Hannah Arendt.

O paciente chega ao consultório do seu médico, explica o motivo da consulta, reclama de alguma coisa e em seguida passa a responder às perguntas do médico, que certamente vai querer conhecer o histórico e os sintomas daquele que está sentado (ou deitado) à sua frente. Da mesma forma que a observação dos sintomas em um paciente pode ser tão aleatória e diversa como medir a pressão sanguínea, iluminar a íris e martelar um joelho, observar os sintomas de loucura de uma sociedade não é tarefa linear, por isso esse capítulo nem precisa ser lido em ordem.

Uma sociedade doente, ao contrário de um paciente, no entanto, não requer um exame clínico, patológico e nem mesmo um teste psicotécnico. Devido à variedade de sua composição, o que impede uma teorização mais objetiva, acredito que seja mais eficiente uma observação cotidiana, focada no comportamento freqüente, nas influências destas atitudes e nos seus resultados ou conseqüências. A loucura de uma sociedade, desta forma, corresponde muito mais ao conjunto de fatores do que a uma catalogação precisa. Sai a medicina e entra a análise diante do espanto, que aliás é a causa principal deste livro.

Psicoses políticas

Talvez as mais evidentes de todas as alucinações públicas estejam, de fato, reunidas no entorno da cultura de uma sociedade, mas sem dúvida alguma as formas de loucura que influenciam mais decisivamente a nossa vida estão escondidas na esfera política. E até mesmo os outros delírios não poderiam atingir nosso cotidiano se não estivessem amparados no desequilíbrio político que nossa geração assiste muitas vezes sem perceber.

O campo político, muito além da disputa partidária que atualmente ocupa praticamente todo o imaginário das pessoas, é o responsável pelas determinações que garantem a vida em sociedade e estabelecem os limites da convivência. Em outras palavras, é onde surgem e se formam as regras que permitem nossa liberdade e impedem que ela

seja destruída.

É nesse espaço imaginário que encontramos algumas preciosidades que nem mesmo os psiquiatras mais experientes podem dizer que seja algo comum. A insistência em repetir remédios que fracassaram nas prescrições anteriores me parece uma das loucuras que influencia todas as outras psicoses políticas, aliada a um certo desprezo pela História, que leva a repetir os mesmos erros de novo e de novo – isso quando não conseguem piorar o panorama aumentando a dose do remédio ineficaz. Vejamos por exemplo as soluções que vêm sendo apresentadas para os problemas da violência, da saúde e educação. Desde pelo menos a década de 1980 os discursos são os mesmos: “investimentos sociais”, “políticas públicas”, “sustentabilidade” e blá-blá-blá. Os resultados também são os mesmos: centralização, aumento do poder do Estado e conseqüente diminuição das liberdades do indivíduo. Tanto falatório para entregar crescimento do número de homicídios, hospitais imundos e linguagem universitária repleta de “tipo assim” e que não vê “pobrema” em escrever errado. E diante disso, o que nossos políticos fazem? Aumentam a dose dos mesmos remédios que prescreveram.

Mesmo quem não leu o livro essencial de Bruno Garschagen¹ pode refletir sobre a pergunta que é feita no subtítulo do seu trabalho: “*Por que os brasileiros não confiam nos políticos e amam o Estado?*”.

Essa pergunta realmente merecia um livro para ser respondida, e *Pare de acreditar no governo* é resultado de uma pesquisa minuciosa que volta no tempo para tentar montar esse quebra-cabeça.

A loucura que domina o panorama político brasileiro não é nova e não é monopólio dos nossos insanos, mas a coisa piorou muito.

Longe de tentar definir até que ponto o nível dos políticos influencia a sociedade (leia *Ponerologia*)² ou concordar que eles são apenas um espelho da sociedade, acho que em ambas as possibilidades o futuro é negro.

Democracia

Tem uma frase famosa, já atribuída a um grande número de pessoas, que diz que a democracia é o “menos pior” de todos os regimes políticos. Por acreditar que em política não existe sistema perfeito, e por perceber que o funcionamento de qualquer regime depende quase que exclusivamente da qualidade daqueles que regem o poder, não tenho certeza se esta frase está absolutamente certa e isso nem vem ao caso. Apesar disso, de alguma forma ela tem um fundo inquestionável de verdade.

Até hoje nunca se alcançou a eficiência total desejada por meio de um planejamento completo da sociedade. A idéia de paraíso na Terra, apesar de já ter habitado a mente de muitos e muitos pensadores e políticos, não conseguiu apresentar resultados satisfatórios. Diante de todas as tentativas, de todos os erros e acertos que ao longo do tempo se enfileiraram nos palanques, nos gabinetes e nos palácios, tenho a impressão de que o regime político importa menos do que o caráter dos homens que o controlam.

A prática democrática, no entanto, parece ligeiramente superior porque, mesmo não sendo a panacéia que muitos apregoam, ao menos permite a participação de toda sociedade, o que divide a responsabilidade, os riscos e os benefícios de forma um pouco mais equilibrada. A democracia, conforme pensada por seus teóricos e aplicada com relativo sucesso em várias nações ao longo tempo, não suporta uma maioria de desonestos. Como, aliás, nenhum regime ou sistema político suporta.

Mesmo sendo um democrata em condições normais de temperatura e pressão, não vejo como intelectualmente sadia a defesa incontestada de um regime político em si mesmo, sem que os demais pontos do seu funcionamento sejam colocados na balança. E também não acho que seja impossível alcançar o progresso, a paz e a prosperidade em uma sociedade se valendo de outro regime político, como pode ocorrer dentro da monarquia, por exemplo.

Monarquia

Não acredito que um retorno à monarquia seja possível no Brasil, e penso que até mesmo as monarquias existentes estão em risco de extinção no médio ou no longo prazo – no mínimo perderão gradativamente a sua importância.

Também não acho que foi uma maravilha, um regime perfeito onde todos ficam felizes e sorridentes. Como em qualquer outro regime, inclusive a democracia, o que realmente importa é o caráter dos governantes. No dia -a-dia o que garante paz, liberdade, justiça e prosperidade não é o regime, mas a capacidade e a honestidade daqueles que administram as estruturas que regulam as atividades públicas. Não importa o regime político: se os interesses da liderança convergirem com os da população e ela for capaz de executá-los respeitando as liberdades e protegendo os direitos naturais do indivíduo, teremos uma nação razoavelmente feliz e próspera. E pouco vai importar se é uma democracia presidencialista ou uma monarquia parlamentarista.

Como sempre prefiro dar mais importância à experiência histórica do que à teoria conceitual, fico com os exemplos de sucesso de Noruega, Austrália, Suíça e EUA, países tão diferentes politicamente e que apesar disso ocupam os primeiros lugares no Índice de Desenvolvimento Humano. E fico também com exemplos do outro lado: entre os piores de acordo com esse mesmo Índice, existem tanto monarquias parlamentares quanto repúblicas. Sem contar, é claro, com todos os tipo de tiranias e ditaduras, reais, militares ou teocráticas, que muito podem variar porque costumam se adaptar ao ambiente cultural onde se instalam, como um parasita qualquer.

Antes de discutir regime de governo é melhor verificar a qualidade do governante e a sanidade da sociedade de onde ele emerge.

Capitalismo ou economia?

Ninguém fala tanto em capitalismo quanto os revolucionários. Nenhuma palavra está tão presente nas reclamações e quase sempre representa o núcleo das revoltas que buscam uma sociedade socialista ou qualquer outra solução utópica. Mas o que é capitalismo?

Quando ouvimos as queixas revolucionárias, que colocam o capitalismo como centro do problema e causador de todos os males vividos pela humanidade, temos a impressão de que ele surgiu como resultado de um plano mirabolante, criado por magnatas de cartola, ávidos por dinheiro e sem qualquer resquício de escrúpulos, consciência moral ou preocupações desvinculadas dos cifrões.

O capitalismo, ao contrário do que dizem as palavras de ordem dos coletivistas malucos e desinformados, não foi “implantado”, não surgiu após um grupo de pessoas definir suas metas e planejar um método de alcançá-las.³

Talvez por serem obcecados por planos e pelo controle, os doentes acometidos pelo TOC (*Transtorno Obsessivo Coletivista*, ver a próxima seção) imaginam que tudo sempre funciona da mesma forma, apenas com sinal invertido. Para eles o capitalismo é apenas o inverso do socialismo, o que está tão longe da verdade quanto acreditar que a máquina é o inverso de uma correia criada para mover as suas engrenagens.

Segundo a História, o capitalismo, esse elemento tão incômodo para os utópicos, surge como consequência da evolução da sociedade ao longo do tempo. Mas mesmo essa definição aberta não consegue ser precisa porque desde que o homem inicia as suas trocas, algumas das características que sempre modularam as relações econômicas já apareciam, mesmo que em formas mais primitivas. A demanda como

reguladora do valor de uma mercadoria é uma constante ao longo da História. Na moeda ou no escambo, produto raro vale mais do que produto abundante. Sempre foi assim e sempre será. E em qualquer lugar. Como na Suméria o lápis-lazúli era mais valioso que o barro, no planeta com solo azul o sujeito que aparecer com uma pedra marrom provavelmente vai fazer muito sucesso.

O capitalismo não é um regime ou sistema econômico, ele é a própria economia. Não existe outra forma de economia. O que se tem são variados níveis de liberdade ou intervenção estatal. Prova disso é que, mesmo em países que aderiram abertamente ao comunismo, as relações entre oferta e demanda continuaram sendo as leis que regulam o mercado (negro, em alguns casos). Na URSS, na Coreia do Norte ou em Cuba, a troca de mercadorias sempre obedeceu a essas leis, mesmo quando não são oficiais. Entre os soviéticos, por exemplo, existia um mercado negro que representava pelo menos metade da economia, e na Coreia do Norte isso deve acontecer da mesma forma até hoje. Não há escapatória. Os preços são sempre controlados pela relação de oferta e procura. Se algo é abundante, vale menos; se é raro, vale mais. O que pode existir é uma interferência do Estado nas relações comerciais por meio de regulamentação, o que muitas vezes (ou quase sempre) desequilibra todo sistema. Se não existe uma forma natural de definir os preços (oferta-procura), e como não existe alguém ou alguma entidade que tenha capacidade de avaliar o valor de todos os produtos existentes (e nunca haverá), só existirá definição artificial de preços, o que no médio e longo prazo certamente vai desestabilizar a circulação de produtos e por fim causar o desabastecimento. Essa é a regra, e ela se repetiu todas as vezes que a intervenção estatal excedeu seus limites. E sempre se repetirá!

Quanto à intervenção do Estado na economia e sobre quais seriam os limites dessa interferência, vale dizer que por não acreditar na eficiência e nem mesmo na possibilidade real do anarcocapitalismo, penso que a intromissão de um governo no mercado deve ser apenas acidental e emergencial, se restringindo a limites que infelizmente são muito difíceis de estabelecer e que há muito tempo vêm sendo discutidos sem que se alcance um consenso. Como não sou a pessoa mais indicada para contribuir com a definição desses limites, defendo apenas o bom senso pontual, seguindo o conceito básico e primordial: “quanto menos Estado, melhor”.

O que importa é frisar que atualmente o sistema econômico que vivemos é muito distante do que dizem os manuais e as teorias econômicas. Basicamente temos uma economia capitalista, mas cada vez mais repleta de aspectos socialistas, com o Estado interferindo em praticamente todas as etapas dos processos de produção, distribuição e

comercialização, seja por taxas, regulações esdrúxulas e uma burocracia que nem Kafka³ foi capaz de imaginar.

Além do intervencionismo, alguns outros fatores decorrentes transformaram o sistema econômico vigente na maior parte do Ocidente em um simulacro de capitalismo composto por beneficiários e protegidos, favorecidos pela proximidade com o poder ou por ocuparem posição estratégica na máquina de controle e sustentação, e paradoxalmente envolto por regulações que poderiam figurar em manuais socialistas.

Os problemas atuais do capitalismo, ou de maneira geral das economias ocidentais, em menor ou maior grau, não dizem respeito à essência do sistema político-econômico, mas a seus acidentes, sua dependência dos bancos, a ausência de lastro, a regulação estatal que facilita e protege os monopólios. De forma geral, o grande problema econômico a ser resolvido é o Estado interferindo na vida do cidadão comum, do pequeno empresário e do empregado, ao mesmo tempo em que protege os amigos do rei, seja por meio de legislações, fiscalizações e exigências descabidas, seja por camaradagem nas concorrências e licitações.

O que temos hoje na maioria dos países é um “capitalismo bancário”, que prejudica os pequenos para ajudar os grandes, e isso, na verdade, está bem longe dos ideais capitalistas. Ao contrário do que repetem os papagaios, “oprimir o mais fraco” não é prerrogativa do capitalismo, mas sim do Estado quando interfere na sociedade e seqüestra liberdades individuais para favorecer membros do poder, seus amigos ou o próprio Estado.

Apenas a liberdade pode permitir a prosperidade. Essa pregação da liberdade, no entanto, não significa que o mercado seja absolutamente livre. Acredito que algumas poucas, bem poucas regulações são inevitáveis e necessárias para alcançar uma sociedade mais justa, equilibrada e que permita a prosperidade para quem estiver disposto a buscá-la. A interferência do Estado é bem-vinda quando pontual, emergencial, deve ser a exceção e não a regra.

Penso que o capitalismo atualmente se tornou um sistema infectado por ideais socialistas, com crescente intervenção estatal, regulações exageradas e impossíveis de cumprir, com um grupo de empresas que pela proximidade com o poder conseguem monopolizar o mercado, privatizar os lucros provindos da amizade com o estado e socializar os prejuízos quando alguma coisa dá errado. Sei que isso não é bom. Mas daí a acreditar que mais doses de socialismo o farão melhorar é pura insanidade. Algo como tentar salvar a criança envenenada afogando -a em um tanque com o líquido que a envenenou.

Posso estar exagerando e nunca duvido que isso aconteça até com certa frequência – principalmente porque enquanto escrevo essas notas descarrego todo meu espanto –, mas acredito que se resolvêssemos a doença do coletivismo da nossa sociedade as coisas começariam a se ajustar e em pouco tempo tudo voltaria ao simulacro de normalidade que lentamente se cristalizou como o arranjo “menos pior” que encontramos ao longo da História.

A defesa dos ideais coletivistas, supostamente um ato solidário quase sempre revestido de falsa caridade, com o pretexto de proteger e promover os direitos das minorias termina por esmagar a mais frágil e elementar das minorias, o indivíduo.

Desta distorção da realidade surgem todas as ideologias que nos últimos cem anos foram responsáveis pelas maiores atrocidades já registradas. Em nome do coletivo matam o indivíduo, e exatamente por isso fracassaram e continuarão fracassando tantas vezes insistirem em implantar essas insanidades.

Socialismo e comunismo

Com tantos fatos disponíveis atualmente, não é necessário ser muito inteligente para rejeitar qualquer proposta de socialismo ou comunismo. Basta uma historinha:

Era uma vez uma ilha.

Quase todos os moradores da ilha trabalham para sustentar a si mesmo e a sua família. Algumas pessoas trabalham por conta própria, outras trabalham em grupo. Nem tudo é perfeito, nem todos conseguem os mesmos resultados, nem todos têm a mesma capacidade e, principalmente, nem todos têm a mesma disposição para trabalhar.

De repente um sujeito lança uma idéia que pretende levar aquela sociedade à perfeição. Todos serão iguais, trabalharão menos, terão resultados melhores e a ilha se tornará um paraíso na Terra.

Para implantar suas idéias, o sujeito alega que é necessário que todos os demais moradores transfiram para ele o poder de controlar tudo na ilha. Como eles estão ansiosos em morar naquele paraíso que ele prometeu, aos poucos vão cedendo e dando a ele o direito de mandar em suas próprias vidas.

As coisas começam a dar errado por várias razões. Primeiro porque nem ele, nem ninguém, detêm conhecimento suficiente para controlar todas as atividades da ilha. Em segundo lugar, ao concentrar o poder

total da ilha, o sujeito começa a dispor de benefícios exclusivos e a viver de uma forma muito mais confortável do que seus contrerrâneos. Com o tempo ficou evidente que os resultados prometidos eram incompatíveis com a realidade e que era impossível estender a todos as regalias daquele que controlava a ilha. Durante esse processo alguns moradores morreram de fome e outros foram mortos porque discordavam dos planos que o sujeito tinha para a ilha. Após muito sofrimento os demais moradores da ilha se revoltam, jogam o sujeito no mar e demoradamente tentam fazer com que as coisas voltem ao que era antes.

Passado certo tempo, em outra ilha, outro sujeito lança uma nova idéia. Seu discurso era parecido com o anterior, mas segundo ele “desta vez vai dar certo porque ele sabe o que está fazendo”. Como ele fala bonito e suas intenções parecem ótimas, as pessoas acreditam nas suas promessas e, para que consiga realizar o seu plano, dão a ele o poder de controlar toda a ilha. Pouco depois o caos se instala na ilha e mais alguns morrem pelos mesmos motivos da ilha precursora.

Essa história se repetiu em todas as “ilhas” que acreditaram em um sujeito que quer o poder total para realizar suas belas promessas. Todas as vezes o sujeito diz que “agora será diferente”, mas no final o resultado é sempre o mesmo: fome, opressão e morte para quem discorda. Por isso eu pergunto: que tipo de louco daria uma nova chance a um novo sujeito que apareça com uma idéia parecida?

“Mas o comunismo acabou”

Basta alguém dizer que o Brasil caminha para uma ditadura comunista para logo surgir algum idiota com a frase “Mas o comunismo acabou”. Normalmente ela vem com uma entonação que indica que o que está sendo dito naquele instante é algo evidente, ululante, consensual e empírico, quando na verdade todas as evidências e a própria experiência demonstram que os fatores que estruturam uma sociedade comunista atualmente são promovidos em larga escala.⁶ O equívoco nesse caso ocorre porque poucas pessoas percebem que apesar das definições clássicas do sistema comunista incorporarem a estatização dos meios de produção, o comunismo não é necessariamente isso.

O comunismo é um flexível e volúvel conjunto de iniciativas para a tomada e manutenção do poder, um sistema aberto do tipo parasita, que se adapta às características da sociedade que ataca e pode ter muitas faces diferentes ocorrendo em vários lugares, simultaneamente ou separadas por longos períodos de tempo.

Essa qualidade de se transformar conforme a vítima vem do movimento revolucionário, uma espécie de conceito gerador que fomenta os mais diversos e muitas vezes contraditórios ideais coletivistas. Isso explica porque “causas” aparentemente desconexas sempre levam ao fortalecimento do Estado e à diminuição da liberdade individual, ou seja, a alguma forma de coletivismo, tenha ele o nome que tiver. Como vimos anteriormente e como veremos adiante.

Fascismo, nazismo

Os malucos costumam utilizar as palavras com significados que apenas eles compreendem. Criam um dialeto que só faz sentido em uma conversa com vários malucos. Em um manicômio certamente devem rolar altos papos entre os internos, sem que ninguém de fora consiga entender, nem mesmo os médicos e enfermeiras. Um exemplo claro, que já virou mania, é o uso que alguns loucos fazem dos termos “fascista” e “nazista”. Para grande parte dos louquinhos, estas palavras não representam um regime político cujos objetivos, métodos de ação e ideologia pertencem à História e, portanto, podem ser verificados. Para eles são apenas instrumentos de ofensa.

As palavras “fascista” e “nazista” não passam de xingamentos na cabeça desses indivíduos desprovidos de sensatez. Como eles são politicamente corretos e por isso não podem xingar o sujeito de filho da puta, xingam de fascista.

E o pior é que eles defendem praticamente a mesma coisa que estes regimes defendiam. Repare bem. Você defende uma sociedade onde o Estado seja pequeno e fraco perante o indivíduo; eles defendem um Estado gigante e forte, exatamente como eram os regimes nazista e fascista. Você mostra isso, e para não perder a discussão o que o maluco faz? Diz que você é fascista ou nazista (!).

Quanto à discussão sobre o nazismo ser socialista, a coisa é ainda mais patética. Não adianta o nome “Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães”, não adianta seu chefe máximo dizer que são socialistas, não adianta o plano de governo da Alemanha Nazista perseguir empresários, agigantar o Estado e controlar toda economia, você diz que o nazismo é socialista e eles ficam enfurecidos e xingam você de... nazista. Alguns nem conseguem isso, simplesmente levantam o queixo, alegam superioridade e sacam da manga o irrefutável argumento da risadinha fingida, que em sua mente perturbada deve significar algum tipo de vitória.

Anarquistas estatais

Conforme escrevi no início do livro, uma entrevista de um desses espécimes foi um gatilho para iniciar a reunião dessas notas. O anarquismo, uma ideologia que se constitui de ideais libertários, uma utopia charmosa que acredita em um mundo sem governantes e tem como objetivo a eliminação completa do Estado, no Brasil se tornou um movimento de apoio ao estatismo. Como diria o Tom Jobim, o Brasil não é para principiantes.

Os anarquistas brasileiros ignoram os pensadores e ideólogos do movimento, ignoram as bases da ideologia e ignoram a própria ignorância, mas assimilam os métodos revolucionários e violentos. Para eles Stirner⁷ e Proudhon⁸ são completos desconhecidos e Bakunin⁹ deve ser um apelido jocoso para o órgão genital feminino. Sei que não são todos, mas pelo menos os que estão em evidência são malucos que prestam concurso público e pedem um Estado gigantesco, que ofereça todos os serviços gratuitos (e de qualidade, não esqueça!). Não consigo imaginar algo mais louco...

Esquerda – direita

Não acredito em rótulos que determinem toda uma personalidade. Classificar uma pessoa de forma simplista como sendo “de esquerda” ou “de direita” empobrece e dificulta a discussão. É evidente que algumas pessoas, por assimilar todo um conjunto de crenças e idéias, encaixam-se perfeitamente nos rótulos – como se tivesse comprado uma espécie de “combo” –, mas quando essa definição é expandida para grandes percentuais da população a análise perde a objetividade e torna inviável a sua compreensão.

Por outro lado, é possível enquadrar uma série de atitudes dentro dos rótulos “esquerda” e “direita”. Nem sempre, no entanto, uma pessoa se sente comprometida com toda a perspectiva do que se pode chamar de esquerda ou de direita. Além disso, a concordância ou discordância sobre alguns dos termos pode ser parcial ou temporária.

Para quem ainda não entendeu, eu desenho. Segue um diagrama com as posições aproximadas:

	ESQUERDA	DIREITA
Interferência do Estado	Total/Enorme	Nula/Pequena
Impostos	Altos	Baixos
Liberdade de mercado	Nenhuma/Pouca	Total/Muita
Desmilitarização da polícia	Sim	Não
Benefícios para	Todos/Muitos	Nenhum/Poucos

criminosos		
Meritocracia	Nenhuma/Pouca	Total/Muita
Diminuição da maioridade penal	Não	Sim
Desarmamento do cidadão	Sim	Não
Pena de morte para adultos	Não	Sim
Aborto (pena de morte para fetos)	Sim	Não

Tendo em conta o diagrama acima, com as posições majoritárias dentro de cada espectro político, fica mais evidente o tamanho da insanidade de alguns “formadores de opinião”, que costumam chamar a oposição e a grande imprensa no Brasil de “extrema direita”, reacionária, conservadora etc.

Rotular as personalidades em dois grandes grupos pode não dar muito certo. Ao menos não comigo: detesto e não levo a sério rótulos simplificadores. Minha tendência está mais perto da coluna da direita, mas essa familiaridade não significa aprovação total e irrestrita de todo um conjunto de valores. Sou contra a pena de morte neste momento, por exemplo, e acho que algumas poucas e pontuais regulações no mercado são necessárias para manter uma sociedade justa e próspera.

Com relação aos termos “progressista” e “conservador”¹⁰ é mais fácil perceber a loucura. Aqueles que usurpam a palavra “progressista” para descrever seu suposto progresso são aqueles que paradoxalmente apoiam intervenções estatais, não apenas na economia, mas também na vida cotidiana das pessoas, ou seja, exatamente como nos países mais atrasados do mundo. O interessante nesse delírio é que eles não percebem essa lógica do avesso nem mesmo quando visitam os países com mais liberdade de mercado e vêem o progresso com seus próprios olhos.

Outro exemplo do mesmo delírio: a imprensa e as universidades brasileiras usam a palavra “conservador” como se isso fosse um adjetivo pejorativo. O mesmo pode ser dito sobre a palavra “direita”. Os insanos costumam dizer, com espanto, que algum político ou algum projeto é “de direita”, como se isso fosse um fato inominável, um pecado contra o Espírito Santo. Logo depois eles gostam de se denominar como ferrenhos defensores da democracia e da liberdade de expressão. Para esses psicóticos democracia é aquele regime que o povo tem o direito de concordar com eles.

A cobertura sobre a política americana é outro bom exemplo. Bobocas com grande destaque na imprensa costumam sintetizar suas “análises” colocando os republicanos como atrasados, racistas e belicosos, e os democratas como pacifistas, agentes do progresso e da liberdade. Nunca lhes ocorreu, ao que parece, abrir um livro de história ou mesmo a Wikipedia antes de falar tanta bobagem. Se tivessem feito a lição de casa, saberiam que Abraham Lincoln, que assinou a abolição da escravidão, era republicano, assim como Theodore Roosevelt, que em 1906 recebeu o Nobel da Paz quando este ainda valia alguma coisa. Por outro lado, foi sob o comando do democrata Bill Clinton que os Estados Unidos bombardearam alvos sérvios na Bósnia e Herzegovina, em 1995, e na Iugoslávia, em 1999. Embora no meu entender estas ações tenham sido necessárias, estes fatos servem para mostrar que quando o assunto é esquerda-direita e conservador-progressista as opiniões de boa parte dos nossos jornalistas e acadêmicos são superficiais e completamente desprovidas de conhecimento histórico, político e estratégico. Só louco não percebe isso.

A estupidez é ambidestra

Não pense o leitor que a insanidade é um monopólio da esquerda. Por conta dos efeitos degenerativos e da dependência afetiva, intelectual e espiritual causadas pelo coletivismo, sem qualquer sombra de dúvida a esquerda concentra a maioria das vítimas da loucura política, mas no outro lado do espectro também temos alguns espécimes bem interessantes, que merecem a atenção.

Sem perceber que usam das mesmas prerrogativas dos seus adversários políticos, encontramos diversas pessoas que apesar de se dizerem contrárias às causas tipicamente esquerdistas, defendem teses que, se fossem ouvidas, trariam os mesmos ou parecidos problemas para a sociedade.

Se existem os malucos da esquerda, evidentemente em maior número e atualmente em melhores posições no poder, na imprensa e mais ainda pendurados em cargos para os quais costumam não ter o mínimo preparo para exercê-los, não podemos esquecer os doidos que pensam que ser lúcido é simplesmente se opor às loucuras da esquerda.

No campo da “direita” os tipos são mais restritos, mas nem por isso deixam de ser delirantes ou são menos engraçados. O mais comum nesse espectro da política é o do contra, aquele sujeito que não consegue ter as próprias opiniões e, como segue um *script*, não admite que tenham outras interpretações da realidade. Normalmente exagera

na reação e inverte a perseguição.

Com a ascensão de uma “nova direita” – um inegável mérito do filósofo Olavo de Carvalho –, surgiram novos interlocutores na discussão pública brasileira. Muitos deles mostraram conteúdo e ganharam espaço: estão publicando livros, dando aulas, criando novas empresas no âmbito cultural etc. Infelizmente no rastro dos melhores exemplos vieram também vários paraquedistas, que não produzem nada além de polêmicas “facebookeanas”, exibição de egos e vergonha alheia. Entre estes é possível encontrar uma gama enorme de “subtipos”, que apesar de variados quase sempre são facilmente classificáveis, principalmente porque comungam de ideais coletivistas parecidos com os do esquerdismo e porque também gostam de formar panelinhas para facilitar os elogios mútuos.

Tem o “eruditão”, que lê 55 livros por dia, mas mesmo assim não foi capaz de perceber que se isso não o deixou inteligente aos 40 anos, dificilmente vai deixar algum dia. Esse tipo não tolera conversar com os plebeus que não dominam o grego, o latim, o sânscrito ou outra língua antiga, de preferência morta. Não conseguem dar utilidade a um décimo do que estudaram e são capazes de citar os Dez Mandamentos em hebraico pouco antes de sacanear um amigo. No lado diametralmente oposto tem o “descoladíssimo”, que anda na moda, só lê os autores do momento e acompanha os músicos e cineastas que estão na ribalta enquanto critica o efêmero mundo moderno.

Outro tipo exótico é o moralista profissional, que vasculha a vida dos conhecidos para avaliar o seu grau de *direitice* e conservadorismo. E uma derivação bem chata desse tipo é o moralista religioso, que confere quem será salvo e quem vai queimar no inferno. Essas figuras costumam pregar contra os planos mundanos do governo mundial que se aproxima no mesmo instante em que privilegiam as grandes corporações e pagam dobrado por uma grife.

O meu tipo favorito de “doido destro”, no entanto, é aquele cara que acredita que o simples fato de ser aluno ou leitor esporádico de alguém reconhecidamente inteligente faz dele um sábio sem esforço, por osmose. Como se ele já soubesse tudo aquilo que seus professores sabem e não apenas o que ele aprendeu, assim que consegue repetir dez ou vinte afirmações verdadeiras, abandona o seu passado e troca de “roupa intelectual”. Logo após algumas postagens bombásticas no Facebook passa a agir (e pensar!) como um conselheiro independente que a sociedade deve ouvir caso queira restabelecer a paz, a moral e a civilização, essas coisinhas simples.

Mas não é preciso pânico, os malucos da direita são chatos, são

pedantes e hipócritas, mas são menos danosos.

A miserável “zé-lite”

A mais visível bobagem que ouvimos em nossos dias é aquela que diz que são as elites que conspiram contra o coitadinho do nosso governo.

Primeiro, vamos definir brevemente o que vem a ser uma elite, já que atualmente as palavras mudam de significado de acordo com os interesses dos grupos de pressão mais poderosos, ou mais barulhentos. Elite é um grupo que ocupa a liderança de determinado segmento, seja um ramo dos negócios, do poder público ou mesmo de uma prática esportiva. Ultimamente, no entanto, a palavra elite passou a significar quase que exclusivamente as pessoas que exercem o poder, visível ou invisível.

Seguindo esse raciocínio, e sabendo que o poder consiste em conseguir realizar o que deseja, podemos dizer que essa classificação atual e abstrata que leva o nome de elite é a soma das pessoas ou grupos que possuem ou controlam os meios para o exercício do poder, seja ele financeiro, político ou cultural.

Dada a definição, fica mais claro imaginar que fazem parte dessa elite os mais ricos, os que ocupam posições estratégicas na condução da sociedade, os detentores dos cargos políticos mais importantes e os que desfrutam de maior visibilidade na esfera pública, na imprensa ou nos meios culturais.

Tenho vontade de rir – para não chorar – quando vejo os membros do governo e seus aliados classificando seus críticos como sendo “a elite”. Ora, mas se eles ocupam o poder Executivo e, com raras exceções, são apoiados pelos mais altos expoentes do Legislativo e do Judiciário, agraciados pelos banqueiros, grandes empresários, líderes sindicais, professores universitários e artistas famosos, ou seja, se eles têm como aliados exatamente aqueles que possuem os meios para o exercício do poder, de que diabos de elite esses caras estão falando?

Não resta dúvida de que esse argumento é apenas uma face do vitimismo estratégico que contaminou o nosso país, já que podemos identificar as mais variadas origens para as críticas ao governo, e com muita facilidade encontramos críticos pertencentes a todos os extratos da sociedade, menos da “elite”, sua principal aliada.

Psicopatas ou histéricos?

Dentro do contexto político é possível identificar dois tipos

principais de loucura. Os primeiros são os psicopatas, que em busca de tornar reais seus delírios de grandeza, tentam moldar o mundo de acordo com sua auto-imagem glorificante. São os políticos, intelectuais e líderes revolucionários que pretendem impor ao restante da população o mundo que imaginam como ideal. Independente dos fracassos que resultaram dos planos de outros megalomaníacos, querem porque querem implantar suas idéias mesmo contra a vontade da maioria. No fundo eles sabem que tudo não passa de fingimento e o que eles querem mesmo é o poder. Mentem tanto que acabam acreditando em sua mentira, e é aí que reside sua loucura.

O outro grupo é maioria, formado pelos histéricos, que não percebem a manipulação dos psicopatas e não são capazes de identificar as várias camadas de significado que compõem o discurso político dos seus gurus. Quando muito, entendem apenas a parte superficial das propostas que defendem, sem perceber que a superfície abarca somente a parte formal da idéia, nunca seu real objetivo, suas conseqüências e suas origens. Os histéricos agem como que hipnotizados e funcionam como caixa de ressonância das idéias que mal compreendem. Lênin os chamava de “idiotas úteis” e Olavo de Carvalho tem uma frase perfeita para sua descrição: “idiota útil, por definição, é idiota demais para saber que é útil e quem o utiliza”.

“Eu finjo que falo a verdade e você finje que acredita”

Nem só de loucura vive um manicômio. Uma característica cada vez mais comum no dia-a-dia da política brasileira é o fingimento. Não apenas entre os poderosos, mas também entre aqueles cujo trabalho deveria ser interpretar e divulgar as atitudes de quem controla o poder

O político finje que ao dar emprego a um aliado não está pagando um favor solicitado durante a campanha, e a imprensa finje que acredita; o empresário contribui na campanha fingindo que seus interesses são muito patrióticos, o candidato finje que não está sendo comprado, e os jornalistas fingem que é a coisa mais normal do mundo.

Nomeações, promoções, contribuições, aprovações e muitas outras formas de *toma lá, dá cá* estão enraizadas de tal forma na política desse nosso triste país que a própria cobertura das notícias políticas trata esses conchavos como normais e até obrigatórios. Todo mundo finje que é normal colocar uma pessoa sem a mínima qualificação para cargos extremamente técnicos e que deveriam exigir excelência e experiência.

Nas estatais, nos ministérios, secretarias, autarquias e em toda

burocracia, o mérito já é algo muito distante e o mundo vai se tornando cada vez mais bizarro: são analfabetos definindo como deve ser a educação, desequilibrados ensinando psicologia, agressores cuidando do direito das suas vítimas. Mas vamos fingir que estamos tranquilos, afinal de contas os estelionatários estão vigiando o cofre enquanto as raposas cuidam dos frangos.

Antes era algo mais disfarçado, mas nas duas últimas décadas a arte de fingir se tornou algo tão banal quanto descarado, e, na prática, ninguém mais nem finge que não está fingindo.

Mentalidade burocrática

O filósofo Olavo de Carvalho há muitos anos desenvolve um trabalho que tenta identificar e explicar o que ele chama de *Mentalidade Revolucionária*, ou “o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remoldar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana em geral – por meio da ação política”. Sua ampla pesquisa e suas enriquecedoras reflexões já geraram alguns livros e provavelmente ainda teremos muitos outros – assim espero.

O fenômeno identificado por Olavo de Carvalho tem pelo menos um filhote, acredito eu, e ele poderia ser apelidado de mentalidade burocrática. Esse rebento tem crescido formidavelmente e nada indica que algo mude em um futuro próximo.

A mentalidade burocrática sempre esteve presente na História do Brasil e é possível identificá-la desde o Império, ou talvez até antes, tendo em vista que os portugueses também carregam uma certa fama de burocratas entre seus vizinhos europeus.

Quando analisamos, no entanto, o tamanho e a complexidade que a burocracia atingiu nos últimos anos e a comparamos, por exemplo, com a década de 1980, fica evidente que esse monstinho está superalimentado e robusto como um porco cacheço.

Mesmo quando vivíamos sob o comando dos militares, que na época eram muito criticados precisamente pelo excesso de ordens, normas e decretos, o Brasil era muito menos obcecado pela burocracia. Na época as papeladas, as exigências e as obrigatoriedades se resumiam à esfera pública e estavam sob o domínio estatal, enquanto hoje a opressão *burocracial* está presente em todos os aspectos da vida, até das mais privadas.

A burocracia invadiu o nosso cotidiano e tomou conta de nossas vidas. Não é mais possível dar um passo em nossa sociedade sem preencher um formulário, fazer um cadastro, apresentar documentos

etc. Até mesmo as coisas mais simples tornaram-se insuportavelmente complexas sem que se possa tirar qualquer vantagem ou benefício de toda essa chateação.

Com a chegada da Internet e a expansão da vida *online*, o que era desagradável como uma pedra no sapato se tornou insuportável como uma pálpebra recheada de areia.

É incrível saber que essa transformação ocorre em um momento que alguns gostam de chamar de período “progressista” ou “libertário” da nossa história. E mais ainda lembrar que as pessoas já não reclamam, se acostumaram e parecem gostar

Nem oito, nem oitenta milhões

Uma coisa profundamente incômoda é constatar que chegamos a um nível de loucura que atualmente as conversas sobre temas controversos exigem quase que uma lista de premissas sem as quais um sujeito nunca será compreendido. Caso contrário os radicais classificam as opiniões, e até mesmo os opinadores, conforme os mais incríveis delírios. Com uma interpretação tão profunda quanto um pires, rotulam as opiniões contrárias, e até os seus donos, de acordo com estereótipos e generalizações ridículas.

Se você é contrário a algum tipo de benefício dado a um grupo de pessoas, os alucinados logo acham que você odeia esse grupo. Se alguém acha que “casamento” não é a palavra mais indicada para a união de duas pessoas do mesmo sexo, os delirantes vão chamá-lo de homofóbico, o termo usado pela primeira vez por um psicólogo para designar assassinos ou pessoas com desejo de assassinar homossexuais.

Além do exagero calunioso, e portanto criminoso, tem também as distorções e os delírios: quando uma pessoa defende mais liberdade de mercado e menos interferência estatal, é chamada de fascista (incrível!), e se você acha que os benefícios estatais têm que respeitar os limites da economia, logo você deve ser um lorde inglês, um membro da alta corte que odeia os pobres e só os enxerga pela janela do seu palácio.

Esse raciocínio torto, quando não é simplesmente mal intencionado, revela um estado de confusão mental muito avançado e, infelizmente, bem comum. Diante de interlocutores que estejam neste estágio “semi-clínico” o melhor a fazer é seguir uma das seguintes recomendações:

1. Respirar fundo, pedir a Deus um pouco mais de paciência e explicar detalhadamente sua posição, desde as suas mais remotas origens. Neste caso você deve pedir para não ser

interrompido nem permitir que o assunto seja desviado a todo instante, como é muito comum em discussões com esse tipo de interlocutor. Se mesmo assim não conseguir manter a calma ou o assunto nos trilhos, pare e escreva. Em alguns casos será preciso desenhar.

2. Ignorar.

Dentro da mesma espécie de raciocínio confuso vamos encontrar os “torcedores políticos”, aqueles sujeitos que pensam que as discussões políticas ocorrem nos mesmos termos das competições esportivas. Nesta lógica que parece ter saído do cérebro de um peixe, acreditam piamente que se você não é governista, é tucano, se você não gosta da presidente, é tucano, se você discorda das barbeiragens administrativas e se sente indignado com a corrupção generalizada, é tucano.

Já passei por essa experiência muitas vezes, mesmo sendo um cara que NUNCA elogiou um político do PSDB, mesmo sendo um eleitor que há muitos anos não se sente representado por nenhuma liderança e muito menos por um partido político. Não importa o que eu diga, pra eles eu sou um tucano. Para sujeitos desse naipe criei a seção **“Respostas aos xingamentos mais prováveis”**, dentro do capítulo final deste livro.

Pior do que achar que a disputa partidária é um campeonato esportivo é acreditar que ela é um torneio com apenas dois times.

Para quem não perceber minhas preferências durante as páginas que seguem, pretendo deixar as minhas posições um pouco mais claras ao final de cada capítulo, mas desde já quero deixar claro que em quase todas as questões consideradas controversas e que polarizam a sociedade, mais importante do que a própria discussão é perceber que elas são fomentadas para dividir o povo, nos moldes do imperativo “dividir pra conquistar” e segundo os planos de Saul Alinsky.¹²

Ufanismo e “viralatice”

Quando a Alemanha derrotou o Brasil por 7 a 1 durante a última Copa do Mundo de futebol, todas as esquisitices brasileiras foram expostas, e o que se viu foi um misto de variadas formas de loucura. As reações foram extremas, da decepção exagerada a uma espécie de euforia despropositada.

O vexame que impactou os brasileiros no dia 8 de julho de 2014 entrou para a História como *Mineirätzen*¹³ e serve de exemplo de como algumas coisas costumam funcionar por aqui.

Para quem costuma se orgulhar de ser o país do futebol, do carnaval e da cachaça, e que se ofende quando algum estrangeiro afirma que as únicas coisas que o Brasil tem a oferecer são exatamente estas, alternar sentimentos exagerados de amor e ódio não é nada surpreendente.

Comentaristas da imprensa, da fila do banco e do boteco dividiam-se entre os revoltados, que em meio a críticas aos lances que levaram ao fracasso sugerem novos modelos de administração para o futebol, e a turma do “bem-feito”, que enquanto joga nas costas da seleção todos os seus problemas e se sente vingada por isso, sugere modelos de administração idênticos ao do seu “adversário” revoltado. Diferem no meio, mas desejam um mesmo fim, exatamente como toda política brasileira.

Outro episódio, um pouco mais antigo, também concentra os lados opostos em um mesmo balaio de gatos. Quando o ex-presidente Bill Clinton afirmou que a corrupção no Brasil era endêmica, foi apedrejado por repetir exatamente o que todo brasileiro médio sabe de cor e repete nos bares e nas filas do supermercado.

Por essas e (muitas) outras, às vezes acho que deveríamos acrescentar uma palavra à nossa bandeira. Talvez ficasse mais coerente com nossa realidade o lema Ordem, Progresso e Rivotril.

Acredita em pesquisas? E em duendes?

Apenas pessoas desinformadas ou exageradamente ingênuas podem acreditar que existam instituições completamente isentas de corrupção, imunes à influência da ideologia ou de outros interesses diferentes dos anunciados. Em um país como o Brasil, onde praticamente todos os segmentos já foram alvo de denúncias, investigações ou condenações, parece ser muita burrice acreditar piamente em todo um grupo de empresas sem o devido ceticismo necessário. Se já ocorreram fatos que desabonam até mesmo o Exército, as igrejas e as entidades que praticam caridade, instituições historicamente mais confiáveis, como confiar plenamente em quem vive dando motivos para desconfianças?

A História já mostrou que os institutos de pesquisa erram com uma frequência incompatível com a sua credibilidade, e mesmo que não exista má fé, a Internet está repleta de depoimentos, testemunhos e até vídeos que demonstram que também existe problema nos métodos, que, apesar do discurso, estão longe da cientificidade declarada.

Uma pesquisa de opinião, normalmente mais suscetível a erros do que outras formas de pesquisa, como a de mercado, por exemplo, sem

dúvida serve para balizar um raciocínio ou aprimorar uma análise, mas nunca deve ser tomada como um fato inquestionável, tendo em vista todos os erros anteriores e a enorme chance de manipulação embutida em aspectos que vão da escolha do entrevistado às questões formuladas, passando pela tabulação dos dados e formato do relatório com os resultados.

Quando percebemos que praticamente toda análise de conjuntura política praticada na grande imprensa brasileira baseia-se em pesquisas desse tipo, somos obrigados a admitir que essas análises padecem da mesma falta de credibilidade. Essa é uma verdade incontornável, mas infelizmente é esse o *modus operandi*, o dia-a-dia da nossa imprensa.

Para alimentar esse engodo, vale lembrar que a maioria dos nossos jornalistas não tem o hábito de ler livros ou pesquisar em fontes primárias e costuma se informar lendo as colunas dos seus colegas, criando uma sala de espelhos onde pouco ou nada se acrescenta mesmo após laudas e laudas de “análises”.

O uso exagerado de estatísticas e tendências tiradas de pesquisas de opinião começou nos anos 90 do século passado e se tornou um vício que contaminou a redação de quase todos os veículos de comunicação. Agora é bem raro encontrar um dia em que as manchetes principais de um jornal não estejam relacionadas aos resultados de uma pesquisa, que na maioria das vezes nem sabemos como ou por quem foi feita.

A desgraça que se tornou a cobertura política da imprensa brasileira merece um livro inteiro, mas não tenho dúvidas de que um dos problemas que mais afeta a qualidade da informação que o povo brasileiro recebe está ligado ao uso indiscriminado do caractere “%”.

Tudo que é ruim pode piorar

Em uma adaptação das famosas frases de Ronald Reagan,¹⁴ a política brasileira não está em crise, ela é a crise. E a causa sem dúvida é moral, e não técnica, apesar das regras do jogo político também colaborarem para o desastre. Como tentei esclarecer nas páginas anteriores, acredito que não existe regime político perfeito e mesmo os piores sistemas podem funcionar melhor do que outros se as pessoas que estão no comando forem melhores. Vale mais o caráter de um governante do que as regras que ele impõe ou segue. É claro que cabe ao governado buscar impor limites àqueles que governam para não depender exageradamente da retidão ou da resistência do governante ante o fascínio do poder, que é corruptor por natureza.

Um panorama como esse inevitavelmente leva ao pessimismo.

Diante de todos os problemas que estamos enfrentando na economia, com o desgaste de praticamente todas as personalidades políticas e a falência cultural do país, os caminhos futuros possíveis vão do ruim ao péssimo, passando pelo terrível. Não digo que necessariamente as coisas vão piorar, apenas percebo que enfrentamos alguns problemas que não parecem dispostos a retroceder diante das soluções apresentadas. Fico pessimista, ao menos para o curto prazo, porque as soluções sugeridas para curar o país mais parecem veneno do que remédio.

Para destravar as engrenagens que o Estado travou, o que eles sugerem? Mais impostos, mais regulações, mais burocracia e desperdício, ou seja, mais Estado. É muita “piração” para uma única sociedade.

Reforma Política

Não há como negar que o sistema político brasileiro contém algumas aberrações dignas de um filme de terror. Jabuticabas como as distorções do coeficiente eleitoral, que elege deputados e vereadores sem nenhum voto, o espaço televisivo oficiosamente negociável entre partidos, voto secreto, verbas, auxílios e gabinetes milionários, além de questões relacionadas ao foro privilegiado, aos limites da imunidade parlamentar etc.

A necessidade de uma reforma no nosso sistema político é evidente e histórica, mas o que estão sugerindo não vai ajudar a solucionar nenhum problema e ainda vai trazer de bandeja outros, alguns ainda piores do que temos no cardápio de hoje.

Pelo que vi até agora, a reforma política desejada por nossos governantes e por boa parte da oposição vai servir apenas para dar mais poder para os mesmos e dificultar as verdadeiras mudanças que o país precisa. As sugestões que circulam no Congresso, na imprensa e na Internet não chegam nem perto de enfrentar o que temos de mais danoso, que grosso modo gira em torno do uso abusivo do poder, seja para ganhar dinheiro, favorecer aliados ou fortalecer seu próprio poder, seja para fortalecer o poder da ideologia e do partido que defende, para logo depois ganhar dinheiro, favorecer aliados e se tornar ainda mais poderoso...

Ao invés de atacar a corrupção, a ineficiência e criar mecanismos para que a sociedade controle com mais rigor o governo e diminua a intervenção do Estado na vida das pessoas, estes que são os principais entraves à prosperidade, à democracia e à liberdade no Brasil, as propostas de reforma política abordam apenas os temas do interesse

revolucionário: financiamento público de campanha, voto em lista, fidelidade partidária, cotas e uma democracia direta apenas para os temas com vitória prevista. Temas como aborto, pena de morte e outras questões onde sociedade e governo são divergentes, nossos democráticos políticos preferem legislar sozinhos.

Vejo como um problema, por exemplo, o alto custo das campanhas eleitorais e a conseqüente necessidade financeira, que traz os inevitáveis conchavos, negociatas e acordos subentendidos. Mas pensar que o financiamento público de campanha vai acabar com a corrupção é coisa de gente burra. E põe burra nisso, pois é preciso uma burrice quase infinita para achar que o caixa 2, que existe agora, deixará de existir quando o “caixa 1” for proibido. Vale lembrar que o homicídio é proibido desde sempre e nem mesmo o 5º Mandamento impediu os assassinatos de pessoas comuns, de reis, imperadores e até do próprio Jesus Cristo. Da mesma forma que as leis brasileiras não impedem os bandidos de matarem mais de 50.000 pessoas todos os anos.

Se a defesa do financiamento público é uma ingenuidade estúpida, outras questões propostas nessa famigerada reforma são ainda piores. O voto em lista e a fidelidade partidária que nossos políticos querem é a pá de cal na democracia brasileira. Os partidos serão mais fortes e os eleitores mais fracos, o desejo do eleitor se tornará um detalhe ainda mais insignificante do que é hoje. Qualquer um que já visitou um partido político conhece a força do coronelismo e sabe que lá dentro costuma acontecer de tudo, menos democracia.

Toda essa discussão em torno da reforma política, ao menos o que tenho visto, gira em torno de fortalecer quem deveria ser enfraquecido. E o eleitor, sedento por algum sinal moralizador, que ao menos mostre um caminho para um sistema minimamente decente de escolher seus representantes, acaba caindo em uma armadilha, uma areia movediça que lentamente vai tirando a sua liberdade e seus direitos individuais. Sem perceber, muita gente luta para ser livre no mesmo instante em que constrói a sua própria cela. Na prisão ou no manicômio.

Criminalidade

Por demonstrar que a irracionalidade pode ser muito perversa, esta seção é a mais sem graça de todas que compõem esse livro. Sem sombra de dúvida, o crime é o mais complexo problema do Brasil atual e por isso mereceu um espaço exclusivo, e isso não tem nenhuma graça.

A criminalidade dentro nas nossas fronteiras alcança dimensões incomparáveis até mesmo com países miseráveis ou de população muito maior do que a nossa. Nem a pobreza dos países africanos, nem a densidade populacional da China ou da Índia são capazes de produzir uma criminalidade proporcional aos números brasileiros.¹⁵ Nenhuma outra questão demonstra maior incapacidade, incompetência e descaso do poder público e das classes pensantes.

O crime é o fato mais vergonhoso no Brasil, e a julgar pelas atitudes e discursos daqueles que são direta ou indiretamente responsáveis pela sua solução, o problema ainda deve persistir por muito tempo.

Todas as vezes que assisto discussões públicas a respeito do crime e das suas conseqüências percebo que as possíveis soluções ainda estão bem longe do horizonte e certamente não aparecerão no curto ou médio prazo.

Embora seja o mais importante desafio da nossa sociedade, tendo em vista que o crime ceifa dezenas de milhares de vidas anualmente, o tempo dedicado ao assunto nos debates políticos é pequeno e mal aproveitado.

Antes de baixar decisivamente os índices de criminalidade é preciso elevar a percepção de realidade naqueles que tomam as decisões da segurança pública, no Legislativo, Executivo e Judiciário.

É preciso quebrar alguns paradigmas e desfazer lendas urbanas que tomaram conta da discussão.

A primeira questão diz respeito à natureza do criminoso. Temos que abandonar todas as teorias que insistem em dimensionar a relação da violência com a miséria. O crime organizado atual, que rompe fronteiras e possui empresas de transporte, bancos e conglomerados industriais, hoje tem pouca ou nenhuma relação com a pobreza. Quase todas as outras questões que atormentam a segurança pública derivam dessa idéia maligna, que dilui a responsabilidade do bandido nas condições do ambiente, e nega o fato de que o crime decorre, na maioria esmagadora das vezes, de uma mente criminosa. Simples assim.

Antes de solucionar esta primeira e decisiva questão, nenhuma medida de prevenção ou combate ao crime terá chance de prosperar. Só podemos pensar em incentivos, em ampliar as oportunidades e enfrentar a bandidagem após a mudança do conceito do crime e do criminoso, após reforçar que o crime sempre é uma escolha. Sem falar que é preciso urgentemente abandonar essa mania louca de transformar bandido em celebridade.

“Glamourização” do criminoso

O imaginário de uma sociedade diz muito sobre o seu presente e principalmente indica como provavelmente será o seu futuro.

Durante décadas pseudoartistas endeusaram o crime e seus praticantes. Foram filmes, livros, novelas e músicas que colocaram o criminoso como um coitadinho, vítima da sociedade cruel e opressora. Em alguns casos foi ainda pior, transformaram o bandido em um herói, que luta contra o mal e é apenas mal compreendido pelas vítimas do seu crime.

A valorização do bandido na sociedade brasileira é um assunto que daria uma enciclopédia, mas uma observação atenta é suficiente para perceber o resultado da influência desta “glamourização” do bandido na sociedade. Pelo menos entre os mais jovens é possível identificar esses traços espalhados por toda personalidade: das roupas ao vocabulário, dos gestos ao andar e à forma habitual de pensar. Um pacote completo.

Mesmo diante do fracasso das políticas públicas de segurança, na vida cultural os intelectuais aliviam ainda mais para a mente criminosa, e na vida social, a moda promove e incentiva um visual, um estilo visivelmente inspirado no comportamento criminoso.

Do lado inverso, os agentes culturais brasileiros nas últimas décadas se esforçaram em desmoralizar a ação da polícia e das instituições de segurança. Campanhas como a que movem a favor da desmilitarização da PM, com apoio e dinheiro da ONU e de muitas outras ONGs, junto com diversas iniciativas que limitam a ação policial e expandem os direitos dos criminosos inverteram completamente os valores da nossa sociedade. Que tipo de louco não percebe as conseqüências de mudanças tão significativas na forma como esta sociedade encara os problemas de segurança pública?

Desarmamento

A campanha e todos os esforços para desarmar o cidadão de bem é mais um exemplo de como funciona a cabecinha daqueles que seqüestraram a palavra “progressistas”. Em 2005 o Brasil fez um plebiscito para saber se o povo queria proibir a venda de armas de fogo. O povo votou em peso contra a proibição e, portanto, a favor da liberdade de poder comprar uma arma desde que esteja dentro da legislação. O objetivo do voto, entendo eu, era manter o direito de possuir uma arma dentro da lei para proteger sua família e sua propriedade. Nada disso importa para os “progressistas” que se dizem democráticos. Para eles a vontade popular só conta quando ela

coincide com os seus desejos. O que realmente importa para eles é ter poder para mudar a vida dos outros – e isso eu odeio sinceramente e com todas as minhas forças.

O desarmamento, ao longo da História, sempre foi uma estratégia dos poderosos para minar as chances de defesa da população. Praticamente todos os ditadores proibiram ou tentaram retirar as armas das mãos do povo. Parte dos desarmamentistas, evidentemente, não tem objetivos premeditados e tão maliciosos. Muitas destas pessoas apenas foram influenciadas por um discurso que aparentemente só tem ambições pacíficas e quase angelicais. O que ocorre é que infelizmente não conhecem os reais interesses de quem promove a causa e muito menos a sua origem e conseqüências.

Como não estudaram o assunto e são diariamente bombardeadas pela mídia e esta obedece a interesses de quem pretende manter o poder a qualquer custo, pensam defender uma causa nobre sem perceber que estão colaborando com uma idéia originalmente política, que deseja tirar das suas mãos a possibilidade de reagir a possíveis ataques aos seus direitos e suas liberdades.

Além da origem e dos interesses obscuros das iniciativas desarmamentistas, o mundo real também desabona seus ideais e promessas. Todos os números evidenciados em estudos sérios e até mesmo nas simples observações da realidade indicam exatamente o oposto do discurso destas campanhas. Países como EUA, Canadá, Suíça e muitos outros onde o cidadão de bem pode comprar e portar uma arma para defender a integridade da sua família e da sua propriedade possuem números infinitamente melhores do que o Brasil.

O fracasso da lei do desarmamento no Brasil, país que atualmente ocupa o primeiro lugar entre os mais violentos do mundo, já deveria servir de alerta, mas como o real interesse embutido na campanha do desarmamento não envolve a proteção dos homens de bem, e a sede dos totalitários por mais poder é insaciável, chegamos ao cúmulo das proibições das armas de brinquedo e já existem lunáticos pregando o fim das armas de fogo até mesmo para os policiais.

Outra questão importante sobre esse assunto, e que mostra uma insanidade profunda de quem ainda acredita nestas campanhas, reside no fato, facilmente verificável, de que a maioria dos defensores mais célebres da proibição não sai de casa sem a companhia de pelo menos um segurança armado. Ou seja, os artistas, autoridades e endinheirados querem o nosso desarmamento, mas não o deles.

Bene Barbosa, presidente do Movimento Viva Brasil¹⁶ e autoridade no assunto, lançou em 2015 um ótimo trabalho em conjunto com o escritor Flavio Quintela. Naquelas páginas os autores elencaram e

destruíram cada uma das falácias que estruturam a defesa da proibição das armas de fogo. Com estudos e comparações, jogaram números e fatos nos olhos dos teóricos, desmentindo um a um os argumentos daqueles que pretendem tirar das mãos do cidadão o direito de proteger a sua família e sua propriedade. Leia o livro *“Mentiram para mim sobre o desarmamento”*.¹⁷ Ele simplesmente encerra o assunto.¹⁸

Maioridade penal

Existe uma mania que já virou clichê entre os que se julgam modernos. Consiste em repetir algumas inverdades que eles chamam de argumentos mas que não passam de infinitas formas de não enxergar o óbvio. Uma dessas bobagens consiste na repetição dos bordões que criaram para defender a impunidade de menores criminosos, mesmo que o bandidinho tenha 17 anos e 11 meses. A primeira delas diz que sociedade é repressora e quer baixar a maioridade penal porque não está preocupada com o desenvolvimento dos jovens e diz até que é porque odeia adolescentes, negros e pobres (!).

Quando a sociedade quer um menor criminoso na cadeia, não significa de modo algum que o desejo é “botar as crianças atrás das grades”. O que as pessoas de bem almejam é uma sociedade onde cada um seja punido por seus crimes, e gostaria de ver mudanças na maioridade penal porque acredita que adolescentes de 15, 16 ou 17 anos já possuem discernimento suficiente para escolher entre o bem e o mal.

Não se trata de uma questão social e muito menos racial. Quem se defende atrás desse argumento nem merece atenção. A única questão que realmente interessa é mais uma vez o desejo, a intenção criminosa, que responde pela maioria absoluta dos crimes. Dois irmãos gêmeos, criados sob o mesmo teto e com as mesmas influências, podem responder de formas absolutamente diferentes diante das dificuldades do ambiente. Um deles pode virar um grande médico enquanto seu irmão gêmeo lidera uma quadrilha de seqüestradores. Não tem nada a ver com a família, a raça, a condição social, a idade, o sexo ou o time de futebol, o crime é cometido pelo criminoso, não pelo grupo ao qual ele pertence. É o indivíduo – com todos seus “acidentes” –, que comete todos os crimes, quase sempre de forma consciente e voluntária. Por isso a idade do criminoso deveria ser algo irrelevante do ponto de vista penal.

Este é outro assunto que já deveria ter sido superado, tendo em vista os exemplos dos países mais civilizados, onde os direitos

humanos funcionam para os humanos direitos e onde os crimes são punidos, seja qual for o perfil do criminoso. Estes países invariavelmente possuem uma taxa de criminalidade muito inferior aos números obscenos que o Brasil apresenta também nesse campo.

Vejamos, portanto, alguns exemplos:¹⁹

- Inglaterra: 10 anos
- Escócia: 12 anos
- Holanda: 12 anos
- França: 13 anos
- Alemanha: 14 anos
- Itália: 14 anos
- Dinamarca: 15 anos

Estes são apenas alguns exemplos e creio que são suficientes. Ou algum maluco aí vai dizer que estes são países que “perseguem crianças” ou que odeiam “adolescentes pobres e negros”?

Diagnóstico e tratamento das psicoses políticas

Na origem das psicoses políticas de forma geral podem ser identificadas duas principais influências.

A primeira delas é a infiltração das ideologias no senso comum, quase sempre disfarçadas de “tendências” espontâneas e envernizadas por um cientificismo superficial que só se sustenta devido ao alcance capilar dos ideólogos. Os efeitos catastróficos da ideologia como substituta da pedagogia e até da filosofia são visíveis na educação e na cultura na forma de distorções históricas que preparam o terreno para a implantação de objetivos políticos de um determinado grupo. Se no ambiente cultural a influência ideológica corrompe as inteligências e deturpa qualquer análise ou avaliação artística, por exemplo, na política esse tipo de influência estica os limites do aceitável, transformando termos como “verdade” e “mentira” em distinções sem significado e adaptáveis às circunstâncias.

A segunda influência maléfica que está localizada na origem das psicoses políticas diz respeito a um tipo de necessidade ou desejo doentio de corresponder às expectativas do grupo ao qual pertence. Com o politicamente correto, a moda e uma avalanche de ideais coletivistas que são despejados diariamente pela imprensa, pelas universidades e pela classe política, muitos raciocínios expostos ao debate público já nascem envenenados e todo cuidado é pouco para

evitar que a vontade de fazer parte de um grupo leve à insegurança e até a algum tipo de carência afetiva.

Embora uma correta interpretação da História seja a terapêutica ideal para todas as espécies de doenças intelectuais, conhecer o passado tem especial resultado quando aplicado no combate às loucuras políticas da nossa sociedade. Bons livros, bons filmes conversas frutíferas e, acima de tudo, observação da realidade para além dos chavões e palavras de ordem são ótimas formas de tratar esses tipos de loucura.

Outro bom remédio contra os tormentos mentais de ordem política é renovar os autores, os pensadores, e se preciso até mesmo o círculo de amigos. A melhor maneira de evitar a alucinação política é ficar longe dos alucinados.

“Tudo o que pinta de novo pinta no rabo do povo!”.

– Luiz Carlos Alborghetti

Neuroses culturais

Se as decisões que vão causar impacto na nossa vida provêm diretamente das psicoses políticas, as forças motivadoras que originam e determinam a tomada destas decisões pertencem à camada cultural, essa infinidade de idéias, raciocínios e ideologias que influenciam o senso comum por meio de doutrinas equivocadas, fora da realidade ou totalmente vazias – que produzem os comportamentos classificados nesse livro como neuroses ou loucuras culturais.

Nestas próximas linhas seguem variados temas onde alguns distúrbios são facilmente identificáveis. Em sua maioria dizem respeito a questões intimamente ligadas às atividades intelectuais e artísticas, compondo o que podemos chamar, grosso modo, de cultura, mas não se restringindo, de forma alguma, ao que hoje costumam chamar de “produtos culturais”. Outras observações foram jogadas aqui por preguiça de criar um novo capítulo.

Zeitgeist

A palavra “*zeitgeist*” significa algo como “espírito da época”. Independente do fato de ter sido popularizada por causa de um documentário³⁰ “*cult*” que teve boa parte das informações desmentidas ou refutadas, a expressão serve bem para designar todo um conjunto de conceitos que compõem o senso comum de um determinado período histórico.

Neste sentido, o termo “*zeitgeist*”, quando empregado para definir uma época que abrange a segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI, significa um misto de caos, alucinação e fetiches assimilados pela sociedade durante o período.

Com a cultura sendo destruída gradativamente nas últimas décadas, seja pela falência educacional, ou pela ideologização das formas de entretenimento como música, cinema, TV e literatura, surgem espaços para o fortalecimento de subculturas e aparecimento de novas ideologias. Da mesma forma que um ambiente poroso, repleto de escombros e focos de lixo acumulado é campo fértil para a proliferação de pragas.

Além de outras formas de alienação, nosso *zeitgeist* está repleto de distorções da realidade, da História e da psique humana. Principalmente no campo cultural. Este é o ambiente propício para a propagação das mais loucas idéias que alguém é capaz de ter, como a mania de relativizar tudo.

Relativismo

Se tudo é relativo, essa frase também é, certo? Esse simples raciocínio parece muito distante da compreensão dos idiotas, e, sem sequer pensá-lo, repetem a expressão mais imbecil de todos os tempos como se estivessem a declamar um poema de Camões, um teorema de Pitágoras.

A imbecilidade causada pelo relativismo, infelizmente, vai muito além da estupidez de seus defensores ou da vergonha alheia que seus pronunciamentos causam entre os menos insanos. Os problemas causados pelos desdobramentos do relativismo são incalculáveis, tendo em vista que sua expansão é epidêmica e não existe assunto imune.

Mesmo sendo ilógico e visivelmente vazio, o relativismo não deve ser subestimado. Apesar de se tratar de uma doença intelectual, ela se manifesta de forma parecida com colônias de bactérias que só podem ser percebidas quando já tomaram conta de uma parte do organismo. Esta doença tem uma característica própria que se instala com sutileza e avança em todos os sentidos do raciocínio e da percepção. Começa por relativizar um detalhe qualquer para não estragar o jantar e termina por igualar piada e homicídio.

Infelizmente as discussões públicas da nossa sociedade já estão em estágio avançado dessa doença chamada “relativismo”. Após décadas de pensamento relativista, a diferença entre mentira e verdade, bem e mal, bonito e feio passou a ser um simples adereço, algo que as

pessoas escolhem na prateleira e carregam consigo por um tempo até que fiquem enjoadas e procurem outro.

Uma boa maneira de perceber os malefícios do relativismo generalizado é observar a influência dessa mentalidade nas várias camadas da sociedade. Lixo sendo vendido como obra-prima, a supremacia dos mentirosos profissionais e livros didáticos incentivando “us pobrema dus aluno”, são exemplos das consequências desta influência, respectivamente, nas artes, na política e na educação.

Se nada é absolutamente certo ou errado, melhor ou pior, se não é possível conhecer a verdade, nada mais resta de confortável a não ser a loucura.

Cientificismo

O mundo moderno viu nascer uma forma nova de religião, muito mais exigente e supostamente embasada em uma série de pressupostos infalíveis, mas que na verdade muitas vezes foram deduzidos de hipóteses improváveis e argumentos de autoridade.

A ciência é um bem em si mesmo? Essa pergunta serve para refletir sobre a importância que devemos dar a uma atividade que produz um conjunto de conhecimentos, muitos deles extremamente úteis, outros nem tanto, e alguns que servem apenas para causar problemas.

Como qualquer outra atividade humana, a ciência deve ser avaliada de acordo com os benefícios que traz para a sociedade. Como nenhuma outra atividade, a ciência não pode ser um “bem” em si mesma, mas seus bons frutos podem.

Sendo a ciência um acúmulo provisório de conhecimentos, deve-se tomar imenso cuidado com decisões que implicam mudanças na vida das pessoas com base em hipóteses ou teorias científicas que correm o risco de refutação em um futuro próximo. Fora isso, é importante lembrar que nenhum grupo está isento de conter incompetentes, psicopatas e vigaristas. Podemos chamar de cientistas pessoas tão diferentes quanto Gregor Mendel e Trofim Lysenko²¹ ou Ben Carson²² e Josef Mengele.

Resumindo, a ciência é uma coisa maravilhosa, mas também pode produzir uma série de bobagens e algumas delas podem causar graves problemas, por isso a sua influência na sociedade deve ser limitada e sua credibilidade não pode ser generalizada.

Linguagem

Se Aldous Huxley²³ acertou na mosca quando previu a promiscuidade como regra e o Estado como babá, o maior acerto de George Orwell em suas distopias diz respeito ao uso da linguagem como ferramenta de manipulação. Seja com a Novilíngua (*newspeak*) de 1984 ou com os porcos mudando as interpretações das leis em *A Revolução dos Bichos*, a distorção dos sentidos das palavras mostra-se um eficiente meio de conduzir e doutrinar uma massa de idiotas que sustenta um grupo de hipócritas poderosos.

As mudanças que vêm acontecendo na linguagem são planejadas para limitar a compreensão, dificultar o raciocínio e impedir qualquer tipo de reação contra a manutenção do poder. Indo além, servem para estabelecer novos paradigmas, de modo a facilitar a implantação de uma nova forma de ditadura, um novo conjunto de valores que vai originar uma nova civilização.

Estamos presenciando uma transformação não apenas da forma e do conteúdo da linguagem, mas também da sua função. As palavras, que antes funcionavam como definições objetivas para que um sujeito pudesse se referir a um objeto, estão cada vez mais vazias de significado, e esse vácuo costuma ser preenchido conforme os interesses dos usuários, que nem sempre buscam uma sincera descrição da realidade. O resultado é um distanciamento entre a realidade e a descrição, e nem é preciso explicar porque isso vai trazer uma incompreensão galopante e generalizada.

Tamanha subjetividade só interessa a quem não deseja que suas idéias e seus atos venham à luz. Confundir a linguagem é coisa de quem prefere ver os seus planos na sombra.

Não quero ser aquele chato que não aceita nenhum tipo de mudança e rejeita toda e qualquer transformação no modo de falar ou escrever de uma sociedade. Não quero e não sou. Sei que a língua é viva e se alimenta dos hábitos e das particularidades de um povo, que sofre influências inúmeras, dispersas e tão difusas que em sua maioria são até mesmo impossíveis de identificar. Acontece que as transformações da linguagem que assistimos não obedecem a essa ordem de influências, são definidas sem qualquer espontaneidade e nenhuma adequação à cultura, à História ou à própria língua do nosso povo.

Olhe ao seu redor: estão transformando, empobrecendo e vulgarizando a Língua Portuguesa por decreto. Seja por meio de mudanças autoritárias na ortografia, seja por idéias estapafúrdias como a teoria do preconceito lingüístico.

Impossível esquecer o que escreveu Fernando Pessoa, por meio de Bernardo Soares:²⁴

“[...] odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o esgarço directo que me enoja independentemente de quem o cuspiu”.

Se para Pessoa a Pátria é a Língua Portuguesa, para nós, simples mortais que sobrevivem em meio à sistemática e meticulosa destruição da linguagem, preservar essa que é certamente a única forma de manter os parâmetros civilizacionais corresponde a resistir à escalada de estupidificação e conseqüentemente ao totalitarismo que se desenha no horizonte. Qualquer pessoa sensata chegará à mesma conclusão se pensar seriamente no assunto.

Preconceito lingüístico

Dentre todos os sintomas de falência mental de uma sociedade, a teoria do preconceito lingüístico sem dúvida está entre os mais destacados. Nem deveria ser preciso explicar sobre uma teoria que acredita que corrigir uma pessoa que fala ou escreve errado não é um ato de amor ou preocupação sincera, mas um ato de preconceito. Essa idéia esdrúxula, que parece saída da cabecinha de um mau aluno mimado que se revolta diante da professora que o adverte, por incrível que pareça, conquistou adeptos e hoje influencia toda estrutura educacional, ganhando adesões a cada dia com o respaldo de pseudointelectuais doutrinados pela pedagogia do oprimido de Paulo Freire & Cia.

Uma breve reflexão sobre os malefícios do que essa idéia infeliz pode causar na capacidade cognitiva das próximas gerações já é suficiente para classificar essa teoria como a mais absurda que alguém foi capaz de formular

Educar é corrigir. Todo aprendizado ocorre por uma longa seqüência de tentativas, erros e acertos posteriores. Não consigo imaginar uma forma de ensinar alguma coisa, qualquer coisa, sem que o aprendiz seja corrigido ao errar. Mesmo quando um aluno consegue aprender algo de imediato, o ensinamento que ele absorveu já foi, algum dia, resultado da correção de um erro.

Como costuma acontecer com essas bobagens pedagógicas alienantes que normalmente recebem a classificação de “revolucionárias” e que proliferam nas escolas e nos livros didáticos, a conseqüência dessa estupidez será exatamente inversa ao prometido.

O suposto objetivo da teoria é eliminar o preconceito das relações e criar uma nova forma de educar, pautada pela compreensão, pela

solidariedade, pelo “amor” e outras palavras bonitas. Bobagem! O resultado será uma massa de ignorantes incapaz de manter uma conversa compreensível, ler um bom livro ou aprender qualquer matéria que exija a versatilidade, nuance e complexidade da norma culta da língua. Com toda certeza e em pouco tempo a aplicação dessa teoria vai limitar as oportunidades para um grande número de alunos e vai colocar um teto nas possibilidades de aprendizado. Principalmente para aqueles que a teoria diz proteger.

Em defesa da teoria estapafúrdia é hábito usar os artifícios de sempre: exageros e detalhes insignificantes. Coletam exemplos de correções feitas com ofensas e xingamentos, que de fato são ineficientes e desnecessários, e apegam-se às particularidades do regionalismo como forma de transformar o chamado preconceito lingüístico numa espécie de subdivisão do preconceito geográfico ou regional. Nesse time de defensores normalmente estão também alguns desavisados apenas parcialmente convencidos da sua eficácia e aqueles que nem a entendem, mas a defendem porque a idéia tem um verniz libertário e moderno, ou seja, parece “cool”.

Praticar, defender e até mesmo aceitar esse troço pode parecer loucura, e eu acho sinceramente que é uma das mais espetaculares. Mas se você está no manicômio, não costuma dar muito certo ficar discutindo com gente louca. O ideal é se adaptar ao ambiente, entrar no clima e “*segir enfrente*”.

Arte “moderna”

A classificação dos estilos de arte é uma coisa bem complicada, por isso permite tantas e tantas divisões, subdivisões, paralelismos etc. Com tantos rótulos, algumas vezes absolutamente subjetivos, classificar um quadro ou um artista dentro de uma época, um estilo ou um grupo de artistas pode ser uma tarefa quase impossível de se alcançar sem encontrar exceções, incongruências e contradições. No caso da arte moderna, essa dificuldade supera o razoável por conta da dissolução dos princípios que durante séculos guiaram as mãos e a criatividade dos artistas.

Longe de qualquer discussão sobre a classificação, e simplesmente para facilitar a compreensão: chamo de arte moderna tudo aquilo que não se enquadra nos estilos clássicos que ao longo do tempo enriqueceram o imaginário com exigências estéticas mínimas, que buscam a transcendência ao expressar uma visão, uma lembrança ou uma idéia, com formas e elementos coerentes, equilibrados, tudo dentro dos parâmetros mais amplos possíveis.

Nesse sentido, a “arte moderna” constitui todo o resto de experiências, que vai do quadro vazio de significados, mas simpático, que serve perfeitamente bem como um objeto de decoração, às “instalações” (eles adoram essa palavra) bizarras e incompreensíveis, cujo desperdício e mau gosto só são compensados pelo humor involuntário contido na explicação alucinada do artista.

Quando a vontade de chocar, de revolucionar e de ser diferente se sobrepõe ao conhecimento, à criatividade e à técnica, o resultado é sempre uma desgraça que tende a crescer em número e grau. Daí a lambuzar o corpo com óleo, ou enfiar um crucifixo no ânus e chamar de arte, é um pulo.

Música para as massas

O declínio cultural que acelerou nas últimas décadas é tão evidente que não é preciso muita explanação. Em todas as áreas percebemos que a deterioração parece não ter limites nem um fim no curto prazo.

A degradação cultural não é uma exclusividade brasileira, não é um fato isolado nem espontâneo – esse enfoque merece um livro exclusivo. Mas o que importa nessa seção é mostrar que a música é sem sombra de dúvidas a forma de arte que sofreu as piores e mais imediatas consequências da decadência cultural e moral da nossa sociedade. E música ruim é sintoma de doença intelectual.

Tenho um amigo músico que diz que a decadência começa com a morte de Bach, em 1750. Eu não tenho conhecimento suficiente para confirmar ou negar com alguma consistência. Como leigo, só consigo identificar a queda livre muito tempo depois, a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente após a década de 1960. Algumas características que garantiam a qualidade foram preservadas nos primeiros anos, mas tudo foi degradandose pouco a pouco.

Toda forma de decadência parece seguir um mesmo caminho. No início a queda não é tão evidente, mas mesmo que a velocidade continue sendo mais ou menos a mesma durante todo processo, seus efeitos se tornam mais visíveis conforme avança. É como a água descendo pelo ralo.

Mesmo não tendo conhecimentos profundos sobre o tema, percebo alguns momentos em que a recente história da música popular parece inclinar e acelerar sua deterioração.

O primeiro desses momentos tem relação com o relativismo que corrói a arte como um todo. Na música ele ocorre em épocas variadas, dependendo do gênero musical, e consiste em acreditar que qualquer um pode fazer e executar uma boa música, deixando de lado as

exigências técnicas e a qualidade criativa. No *rock*, por exemplo, identifico esse momento com o aparecimento do *grunge*, e na música brasileira isso começa com a bossa nova. Nesse sentido até mesmo as improvisações do *jazz* podem ser entendidas como princípio da desordem musical dos nossos dias. Como eu disse antes, nem sempre a inclinação é evidente no início desses movimentos e muitas vezes os pioneiros idealizadores ainda mantêm a qualidade de seus predecessores, o que não costuma ocorrer com as gerações seguintes. Algo como uma leve descida, quase imperceptível, que precede a ladeira.

O segundo deles diz respeito a uma profunda mudança na forma de consumir música. O surgimento da MTV inaugurou um novo parâmetro: a necessidade do videoclipe relegou a qualidade e elevou a característica visual dos artistas. Um exemplo bem nítido ocorreu com o cantor e compositor Christopher Cross, que, mesmo sendo um dos músicos mais completos de sua geração, ganhador de inúmeros prêmios importantes e um dos maiores vendedores de discos na época imediatamente anterior à MTV, foi preterido porque sua aparência física não estava de acordo com os padrões visuais da emissora. Outro fator importante, que não pode ser esquecido porque ocorre simultaneamente ao crescimento da moda do clipe é a cultura do *jabá*, que iludiu as rádios e enfraqueceu seus departamentos de publicidade, tornando -as cada vez mais dependentes do dinheiro das gravadoras. E quem paga a conta escolhe o prato.

Somem-se a isso os custos proibitivos de um bom clipe e teremos um novo mercado musical, onde as grandes gravadoras, a MTV e suas copiadoras passam a definir quem tem aparência adequada para ser um artista conhecido. As rádios ecoam as escolhas das gravadoras que pagam seus aluguéis, e o povão nem chega a conhecer outros artistas porque esse arranjo passou a acontecer em TODOS os lugares a partir da década de 1980.

O desastre atual que vivenciamos na música brasileira e mundial, no entanto, não pode ser explicado somente com essas observações e sua total compreensão exigiria um longo tratado com pelo menos algumas centenas de páginas. Seja qual for o motivo derradeiro dessa abominação que se tornou a música popular, o fato é que aparentemente chegamos ao fundo do poço e não parece que vai aparecer uma escada tão cedo. Penso, inclusive, que as coisas ainda vão piorar bastante antes de melhorar. O poço ainda pode afundar um pouco mais. Pelo andar da carruagem, em breve as músicas mais tocadas serão feitas com um martelo batendo em uma bigorna, e um *DJ* incorporando algum ruído produzido no banheiro do “artista”.

Amadorismo no esporte já!

Nenhuma sociedade valorizou tanto a prática esportiva. Em nenhuma época da História humana o esporte foi tão endeusado como agora. Muitos dizem que faz bem à saúde, outros alegam que serve como entretenimento psicologicamente saudável e alguns vão além, garantindo que é uma forma de afastar as crianças e os jovens de influências negativas, das drogas etc. Tenho que concordar plenamente com todas estas afirmações, não porque um bando de “especialistas” repetem isso a todo instante, mas porque presenciei isso ao longo da vida, seja comigo ou com muitos dos meus amigos.

A loucura da excessiva promoção do esporte, no meu entender, só existe no âmbito profissional, quando ele deixa de ser um entretenimento e se transforma em um negócio, um dos mais rentáveis do mundo, aliás.

Sendo um negócio, todas ou quase todas as suas contribuições benéficas tornam-se elementos secundários que servem apenas para formar o simulacro utilizado pela propaganda. Se um jogo de futebol movimenta milhões de dólares, como esperar que não seja tratado como um investimento financeiro?

Como em qualquer outro negócio ou investimento, além de diminuir os custos seus controladores buscam incessantemente a eliminação dos riscos. Isso é evidente! Acho engraçado quando vejo as pessoas desmotivadas com o futebol profissional devido às constantes acusações de manipulação de resultados, por exemplo. E para piorar, como solução para a falta de credibilidade causada pelo excesso de profissionalização elas pedem mais profissionalismo

Esperar que a profissionalização traga de volta o prazer do que era simples entretenimento é uma alucinação pura e simples. Tão maluco quanto o próprio fanatismo esportivo.

Paulo Freire, o Rei da “Educassão”

Se existe alguém que é alçado à condição de mestre, sábio e até gênio pela esquerda moderninha, esse alguém é Paulo Freire. Seja na imprensa ou na academia, nenhum outro professor brasileiro é mais incensado, admirado e até idolatrado. Um símbolo dos educadores, o herói de professores, sociólogos e de todo esse pessoalzinho de humanas.

Para entender melhor esse culto é preciso saber que a aplicação de seus ideais marxistas na educação é uma das maiores vitórias conquistadas pelo movimento revolucionário no Brasil. Ao educar

crianças conforme os moldes propostos por esse maluco a sociedade entrega seus filhos para uma deformação intelectual difícil de ser curada. A pedagogia do oprimido proposta pelo barbudo é confusa como ele e permite todo tipo de interpretação e desdobramentos imprevisíveis. Além da teoria não produzir nada de bom, ela ainda gera dezenas de outras teorias piores do que ela, abrindo de vez as portas para a doutrinação e transformação do aluno em um perfeito idiota útil. E as razões para o sucesso é que Paulo Freire está para a pedagogia como Oscar Niemeyer está para a arquitetura. Mais ou menos como ocorre com Niemeyer, o culto a Paulo Freire tem mais relação com seus compromissos e ideais políticos do que com sua obra.

Depois de tentar entender sua aclamada pedagogia do oprimido, considero que ela é direta ou indiretamente responsável pela deterioração do senso de hierarquia, pela diminuição da importância do mérito, além do enfraquecimento das matérias essenciais e fortalecimento das disciplinas mais facilmente ideologizáveis. Repare que todos esses efeitos destroem a capacidade de aprendizado e servem ao movimento revolucionário no mesmo instante.

Já que chegaram ao ponto de nomeá-lo Patrono da Educação Brasileira, e esta é uma porcaria, acho que posso colocá-lo como rei da estupidação, e tendo em vista a influência que sua obra exerceu e ainda exerce entre educadores de todos os níveis no Brasil, não seria má idéia colocá-lo também na competição para “Rei da Loucura Brasileira”. Chacrinha, outro expoente da idiotificação, que também ajudou a destruir a cultura brasileira, perguntaria: “Vai pro trono ou não vai?”.

Esses jornalistas...

Costumam dizer que exagero quando afirmo que no Brasil a imprensa é pior do que a política. Digo isso porque acredito que cabe à imprensa frear o apetite dos políticos ao desvendar para a sociedade qualquer tentativa de limitar os direitos, cercear as liberdades ou arrebentar o cofre.

O poder, por sua própria essência, tende a se ampliar e crescer caso não enfrente resistência. Resistir à disseminação dos tentáculos do governo e dos governantes significa, no fim das contas, defender os direitos individuais e coletivos em qualquer sociedade sadia. De uma forma mais direta e prática, limitar o poder e impor obstáculos às suas vontades consiste, na verdade, em exercer a democracia.

Em uma sociedade que pretende preservar a coerência das suas

funções e objetivos, que visa delegar as decisões mais importantes de forma a buscar o bem comum, convém dividir o poder de maneira que o equilíbrio se mantenha mesmo diante dos mais ousados abusos. Na democracia isso ocorre por meio da existência dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), e definir os limites de cada poder deve ser a tarefa principal dos que exercem o poder que receberam. Esse arranjo pode e deve servir como baliza para manter as coisas dentro dos limites. Infelizmente, como tudo que é pensado ou criado pelo homem, essa divisão pode falhar

Como não existe fórmula mágica para impedir que um poder tente controlar outro, e como sabemos que essas tentativas vão acontecer com uma frequência muito acima do aceitável, a probabilidade de a sociedade perder o controle sobre um governante que busque aumentar o próprio poder torna-se imensa. Neste momento, mais do que em qualquer outro, torna-se imprescindível uma imprensa honesta e livre.

Se a sociedade perde os mecanismos que deveriam protegê-la de governos corruptos ou incompetentes, o que resta é tentar, por conta própria, frear o crescimento do poder e limitar a ação dos poderosos. Para que isso possa acontecer é preciso que a informação circule com liberdade, honestidade e racionalidade.

Quando assistimos a esse completo descontrole, com corrupção e ineficiência se alastrando para todas as repartições públicas em todas as instâncias das três esferas de poder, e percebemos que a informação circulante é insuficiente ou distorcida, fica claro que alguém falhou na missão de levar e interpretar a informação relevante.²⁵ Se esta falha se deu por conta de interesses obscuros, por inépcia descomunal ou uma mistura destas duas é uma questão que merece estudo, mas qualquer um desses fatores leva à conclusão de que a grande imprensa brasileira é responsável pelo estágio avançado de decomposição em que se encontra a nossa sociedade. E os políticos ambiciosos serão sempre muito gratos pela imprensa inconseqüente que informa e forma um público demente.

Conspiração ou “Teoria das Coincidências”?

No século XX os meios de comunicação se expandiram a níveis inimagináveis. Praticamente todos os cantos do mundo passaram a receber informações difundidas pelos jornais, rádios e TVs. A disseminação das notícias trouxe incontáveis benefícios para a sociedade, e com alguma justiça deu à imprensa uma influência que nem mesmo reis ou imperadores da Antigüidade ousaram imaginar. Como o poder é a capacidade de influenciar, as empresas que

controlam a comunicação passaram a ocupar um lugar mais alto na pirâmide, ao lado ou logo abaixo daqueles que definem os rumos da sociedade.

Com o tempo estas empresas se tornaram as mais atrativas do mercado e nos últimos 50 anos grande parte delas foi comprada ou se fundiu com suas concorrentes, criando uma concentração cada vez maior. Atualmente apenas alguns grupos controlam as grandes empresas de mídia e a quase totalidade das informações que circulam o planeta provém das mesmas fontes.

A concentração das fontes de informação, além de consolidar o poder de quem as controla, e de tornar homogêneas todas as notícias circulantes, criou uma discrepância que hoje se destaca como uma das principais causas da ignorância.

O poder de levar uma informação a muitas pessoas de uma só vez e a credibilidade trazida pela repetição deram à imprensa uma posição única na História. Com o grande alcance e a mesmice generalizada a imprensa passou a ter o *status* de mensageiros iluminados, que possuem o dom da verdade e são responsáveis por levar o conhecimento a todos de forma isenta e samaritana.

Diante dessa nova realidade, as pessoas passaram a acreditar que todas as informações que não correspondem ou estão ausentes da pauta da imprensa não podem ser verdadeiras. Para manter essa aura de santidade e onisciência, quando aparece alguma informação que destoe do seu menu, precisam classificar como teoria da conspiração.

Mesmo na Internet, o único espaço onde ainda se pode encontrar algum tipo de liberdade, qualquer um que lance uma notícia ou defenda um enfoque diferente daquilo que diz a grande imprensa é logo rotulado como conspirador, mentiroso, alucinado. E quando a informação é por demais reveladora e já não é possível escondê-la sob esses rótulos, lançam outro: “é apenas uma coincidência”

O bicho parece porco, tem pé de porco, cabeça de porco, faz barulho de porco e tem cheiro de porco, mas não deve ser um porco, afinal de contas eu vi na TV que não é um porco.

Nem com a Internet?

Entre os inúmeros benefícios trazidos pela Internet está a possibilidade de desmascarar jornalistas e órgãos de imprensa contaminados pela incapacidade ou corrompidos pelos favores dos poderosos. Acostumados a um distanciamento que os impressos, as rádios e as TVs impõem, era muito difícil para o leitor conhecer as reais motivações por trás dos enfoques das notícias, das opiniões

“isentas” e das “análises balizadas” feitas pelos seres angelicais e incorruptíveis que ocupam as redações.

Com as redes sociais, os *e-mails*, a facilidade de buscar informações anteriores e conhecer os patrocínios ficou muito mais fácil implodir a aura de competência e imparcialidade que alguns profissionais e empresas conseguiram manter por muitas décadas.

Uma visita ao Facebook de um jornalista pode explicar perfeitamente suas posições aparentemente inexplicáveis e uma busca nos beneficiários de um determinado benefício estatal pode demolir a credibilidade de uma redação ou mesmo de toda uma empresa.

São incontáveis os exemplos de jornalistas que, apesar de comprometidos até a medula com determinada causa ou ideologia, escrevem e falam na grande imprensa como se suas opiniões não tivessem qualquer relação com seus reais interesses, diluindo opiniões como se fossem percepções e despejando um caminhão de subjetividades na forma de notícia imparcial. Dentre estes podemos destacar todos os “onguistas”, que muitas vezes posam de sensatos, tolerantes e isentos enquanto discursam violentamente nos palanques contra todos que discordam de suas “teses”, muitas vezes vociferando até mesmo contra a própria realidade. Muitos são apenas burros, mas alguns, geralmente aqueles que detêm mais espaço na mídia, apenas repetem o *script* determinado pela estratégia ideológica que paga suas contas.

Em tempos de Internet disseminada, cabe ao leitor que ainda preserva alguma sanidade buscar diferenciar entre os idiotas úteis e os malandros, visitando seus perfis e pesquisando seus ideais não declarados ou compromissos inconfessáveis. E a única postura sadia é “vá estudar, vagabundo” para os burrinhos e “diga-me quem te paga e te direi como pensa” para os mais espertos.

Os “especialistas”

Basta ligar a televisão em algum telejornal para assistir a um espetáculo de bizarrices, declaradas ou e rustidas. Em algum momento, jornalistas, produtores e editores perceberam duas coisas. Primeiro, que as pessoas acreditam em qualquer bobagem desde que a frase comece com “estudos indicam...”. Segundo, que mesmo a mais estúpida das afirmações passa a ter credibilidade se a pessoa que a disse for classificada como um “especialista”. Desde então estas técnicas de engenharia social foram incorporadas ao jornalismo como uma praga, e como não necessitam de comprovações posteriores, já que tudo cai no esquecimento com muita facilidade, se tornaram uma

ferramenta que, além de influenciar a sociedade, contribuem para a criação de verdades tidas como absolutas, inquestionáveis, que vão pavimentar o caminho das próximas bobagens, tudo com um ar científico, afinal de contas foram ditas por um “especialista”.

Quando não estão a introduzir conceitos incertos, duvidosos ou mesmo mentirosos, esses seres iluminados costumam dizer as coisas mais óbvias do mundo com a expressão facial de um sábio que acabou de descobrir o sentido da vida.

Há poucos meses um telejornal fez uma matéria sobre a escalada de preços e com muita pompa o âncora chamou a especialista para conhecer a sua opinião sobre como diminuir a conta de luz. Sentados diante de uma pequena biblioteca, a repórter pediu a ela conselhos para diminuir os gastos com energia elétrica e a mulher, apresentada como “especialista”, fez pose, respirou fundo e soltou:

– Para economizar energia o ideal é tomar banhos mais rápidos e apagar as lâmpadas dos cômodos vazios.

Diariamente a imprensa nos brinda com genialidades deste mesmo tipo, pérolas inesquecíveis de estupidez. Outras vezes, quando estão inspirados, como neste exemplo acima, repetem aquilo que todos sabem há décadas.

Uma sociedade que baseia suas decisões em personalidades vazias como essas merece ser recolhida à Casa Verde.

Copiando e colando e seguindo a manada

Além da questão financeira e da influência ideológica existe uma outra questão muito importante sobre a imprensa. Nunca houve uma concentração tão grande de incompetentes nas redações. Desconfio que nem mesmo em outros segmentos é possível encontrar tantas pessoas despreparadas exercendo suas funções, muitas vezes em posições de destaque ou liderança.

Um bom jornalista deve ser alguém que busca a verdade acima de tudo, inclusive das suas opiniões. Deve ter um interesse genuíno pela informação e pela correta divulgação daquilo que entendeu ou descobriu e a legítima vontade de identificar e conhecer os fatos por trás dos discursos tem que ser sua principal qualidade.

Saber se expressar também é uma característica importante. Falar e escrever deveriam ser itens obrigatórios, mas admito que erros de ortografia e gramática são inevitáveis tendo em vista a dificuldade do nosso idioma e a péssima educação das últimas décadas. Aqui mesmo, neste trabalho, tenho certeza de que existem centenas ou milhares

deles. O problema é que muitos jornalistas que atualmente ocupam imponentes cadeiras nas redações não possuem a mínima capacidade de se expressar.

Um jornalista que escreve mal, no entanto, não chega a ser um problema tão grave quando comparado a todos os outros. O maior problema que ocorre entre os profissionais da imprensa, no meu entender, reside no completo desrespeito pela verdade, seja por motivos financeiros, ideológicos ou por puro desinteresse e preguiça.

Em uma época em que toda informação passada e presente está acessível a um clique, um jornalista bem intencionado não pode dar nenhuma desculpa para ignorar tantos fatos como ocorre na imprensa brasileira. Com o Google, YouTube, livros *online* e muitas outras ferramentas bem simples, não dá pra justificar o comportamento de manada que guia os jornalistas da nossa grande imprensa. Não dá mais pra respeitar um profissional que tem a missão de informar mas se aperfeiçoa somente na intrincada arte do *copy & paste*.

O PIG e o BIFE

O ditado mais verdadeiro sobre a imprensa é “digame quem te paga e te direi quem és”. Há alguns anos alguns *blogs* financiados pelo dinheiro das estatais criaram a expressão Partido da Imprensa Golpista, ou PIG, para se referir aos grandes veículos de comunicação que, segundo esses lunáticos, trabalham para derrubar o governo que eles defendem, não apenas por afinidades ideológicas, mas porque os sustentam.

Como faria um bom psiquiatra, vamos analisar essa alucinação usando fatos, para ver se ela se sustenta diante da realidade. Para citar apenas um exemplo: Em 1989 foi criado o Foro de São Paulo, uma entidade que reúne praticamente todos os partidos socialistas e comunistas, além de várias outras organizações de esquerda do continente sul-americano. Já na sua fundação, ficou estabelecido que seu objetivo era “recuperar o que foi perdido no leste europeu”. Durante décadas o povo brasileiro ficou no escuro com relação a esta organização, seus membros e suas atividades. Mesmo reunindo centenas de entidades, chefes de estado, ministros e políticos poderosos, a imprensa brasileira não achou que devia divulgar esses encontros, muito menos sua agenda, suas atas e a ação de seus inúmeros grupos de trabalho. Os únicos que tocaram nesse assunto durante todo esse tempo foram o Dr. José Carlos Graça Vagner, o filósofo Olavo de Carvalho, a jornalista Graça Salgueiro, o portal Mídia sem Máscara e a Rádio Vox. Se não fosse pelo trabalho destes guerreiros, que foram inclusive ridicularizados por divulgar os planos

dessa organização gigantesca e poderosa, ninguém no Brasil saberia da existência do FSP. É bem difícil imaginar uma mídia inimiga ocultando um assunto que o governo queria que continuasse no escuro.

Não bastasse a clara ausência de notícias contrárias à ideologia dominante nas redações, a deturpação de fatos e a multiplicação de opiniões homogêneas entre diversos “pensadores originais”, um outro fator, também facilmente verificável, depõe contra a teoria insana da imprensa golpista. Trata-se do dinheiro. Sim, o vil metal que compulsoriamente sai do bolso do cidadão corre solto em direção à imprensa. Lembrando um ex-patrão, psicólogo com décadas de experiência: não existe louco que rasga dinheiro. Por isso fica claro que a loucura, nesse caso, não está nos pseudojornalistas que vociferam a teoria do PIG, mas naqueles que ainda acreditam nessa balela.

Por outro lado, o que certamente existe é o BIFE (*Blogs Independentes Financiados pelo Estado*), responsável por criar e difundir a teoria do PIG. Assim como um taxista não escolhe o destino, mas pode eventualmente criar uma rota, os membros do BIFE não escolhem o conteúdo nem o teor das “notícias” que publicam, e no máximo decidem sobre a forma que darão à pauta encomendada por seus chefes, que aqui, como em qualquer outro lugar, é aquele que paga a conta.

Não acredito em nenhum veículo de comunicação que receba um centavo oriundo do Estado. Como eu trabalhei muitos anos no mercado publicitário, sei que o anunciante sempre tem razão, principalmente o estatal, tendo em vista que empresas públicas sempre pagam tabela cheia para publicar ou veicular seus anúncios e comerciais – pergunte a um publicitário e verá que isso é regra.

Enfim, PIG uma OVA.²⁶

A Lei Rouanet e as consciências em promoção

Como quase sempre ocorre com as benesses estatais, o que no papel parece uma maravilha, na prática as leis de incentivo à cultura se tornaram uma ferramenta política das mais eficientes.

Se a imprensa foi enquadrada numa espécie de autocensura que nasce no seu departamento comercial, restava a classe artística, mais dispersa e de preferências mais difusas. Para convencer essa gente tão comprometida com a arte, a liberdade, a democracia e a saúde das baleias, é preciso saciar o desejo mais profundo da alma destas nobres criaturas: grana. Nada de repressão ou ameaças, muito mais eficiente é

um montão de dinheiro na peça, no disco, na turnê ou na “performance” que nem a mãe dele ousou assistir.

Em um país onde a opinião de um ator ou cantor sertanejo é tão valiosa que merece destaque mesmo quando não entende nada do assunto, a opinião dos “artistas” tinha que ser amestrada de alguma forma.

Humoristas a favor

Não há nada mais deprimente do que um humorista puxa-saco. Se um artista qualquer já perde sua credibilidade quando afaga poderosos, o que dizer dos atos de servilismo vindos de quem deveria esticar os limites da crítica?

Outra jabuticaba moderna, eles estão por toda parte, falam, escrevem, tentam se expressar, mas o máximo de risos que conseguem provocar são os involuntários. O humor praticado no Brasil nos últimos anos, com raríssimas exceções, não passa de propaganda. Deveriam colocar uns avisos: antes da piada viria um anúncio de uma estatal, e no fim uma mensagem rápida: “um oferecimento, Lei Rouanet”.

Trabalham sob encomenda, de acordo com a estratégia dos patrões. Quando um adversário passa a incomodar, miram suas armas para tentar ridicularizá-lo. Nem sempre o ataque produz resultados satisfatórios. A taxa de aproveitamento é pequena porque a criatividade também é.

Danilo Gentili sintetizou uma questão muito verdadeira quando disse que achava estranho que esteja no poder a presidente com menor aprovação de todos os tempos enquanto os humoristas praticamente nem tocam no assunto.

Humor precisa de criatividade, e esta deriva de uma espécie de liberdade mental, uma disposição para rir de tudo e de todos, até de si mesmo. A liberdade que um artista concede a si mesmo é muito mais importante que a liberdade que o Estado ou sociedade podem proporcionar.

Não existe humor onde os limites são colocados pela ideologia do artista. Quando a censura vem de fora, existe solução, não é fácil, mas a criatividade encontra um atalho, como ocorreu durante o governo militar no Brasil, mas quando é o próprio artista que coloca entraves na sua liberdade criativa, tentando não ferir os seus compromissos com uma ideologia, a chance desse sujeito provocar uma risada sincera é nula.

Durante o Governo Militar vários humoristas atuaram com enorme criatividade e implacável senso crítico. Nomes como José Vasconcelos, Millôr Fernandes, Chico Anysio, Ziraldo, Jaguar, Henfil e vários outros driblavam a censura e com sutileza e originalidade criticavam os costumes e a economia, satirizavam políticos e ridicularizavam, direta ou indiretamente, poderosos em altos postos do governo. Neste período nasceram o Pasquim,²⁷ o Salão de Humor de Piracicaba²⁸ e o FEBEAPA,²⁹ do Stanislaw Ponte Preta, o que prova que a autocensura tem sido muito mais danosa para o humor do que foi a repressão dos militares. Uma pena que muitos dos humoristas que atuavam naquela época hoje decidiram esmagar sua criatividade e abrir mão da sua liberdade por conta da sua ideologia ou em troca de favores do poder.

Como sou absolutamente contra toda e qualquer forma de censura, quero mais é que os “humoristas a favor” tenham espaço, falem, escrevam e mostrem a cara, assim eu posso rir à vontade, mesmo que pelos motivos opostos ao que eles acreditam. Afinal eles servem para alguma coisa: são mestres em proporcionar vergonha alheia e riso involuntário.

Diagnóstico e tratamento das neuroses culturais

Todo tipo de doença intelectual, exclusivamente no sentido que emprego aqui, tem relação com um conjunto de fatores que atualmente influenciam e formam o ambiente onde se desenrola o cotidiano de uma pessoa ou sociedade. No caso das neuroses culturais essa realidade é ainda mais patente e facilmente verificável.

Uma série de conjunturas fornece o “substrato” para o surgimento da loucura. A destruição da educação, da alta cultura e a eliminação do mérito para a qualificação de um artista ou de uma obra são alguns desses fatores. Outros estão ligados às preferências políticas e partidárias dos chamados “formadores de opinião” – isso quando não são simplesmente comprados.

O politicamente correto, outro fator de forte influência alucinógena, além de atuar como um vírus mutante, que se adapta com muita desenvoltura às particularidades de cada vítima, também mostra-se versátil e poderoso a ponto de originar várias formas de doença, entre elas aquelas que aqui chamamos de neuroses culturais.

O tratamento para esse amplo catálogo de insanidades passa pelo básico, ou seja, estudo, sinceridade, doses cavalares de realidade, História, artes clássicas e boas companhias. E morte ao relativismo!

“Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes”.

Loucuras sociais (ou Os amigos do Rivotril)

A saúde mental de uma sociedade não pode ser medida de forma precisa porque uma avaliação como essa envolve diversos fatores que não estão, necessariamente, relacionados entre si. Qualquer análise estará longe de ser um diagnóstico perfeito, mas se é impossível analisar o conjunto, é possível analisar alguns desses fatores que parecem indicar uma loucura generalizada.

Observar o comportamento de uma sociedade doente constitui um dos dois passos iniciais no caminho da busca pela sanidade. A loucura social possui uma característica interessante e peculiar. Os próprios sintomas são, ao mesmo tempo, causadores da doença. Repare que cada um dos itens listados a seguir corresponde tanto a algum sintoma de debilidade intelectual quanto a algum elemento causador do mesmo mal.

Politicamente correto

De todos os problemas que a sociedade enfrenta, talvez este seja o principal, pois é responsável por quase todos os outros. O politicamente correto (PC) é um conjunto de idéias insanas que parte de princípios imbecis e contou com a ajuda de ignorantes e arrogantes para se espalhar por todas as áreas do convívio social.

Ser PC significa abdicar da realidade, amenizar a verdade com o intuito de agradar uma pessoa ou um grupo delas. A arte de fingir para aprimorar o convívio social.

Desde que surgiu ele avança em todos os sentidos, corrói a linguagem e confunde a percepção, enfraquecendo a inteligência e fragilizando aquilo que ele prometia melhorar, o convívio social.

O fingimento como método de controlar a discussão pública, o vitimismo, a “glamourização” do criminoso, tudo isso deriva, em maior ou menor intensidade, dos ideais do PC.

Em meu livro anterior, *Introdução à Nova Ordem Mundial*,³⁰ publiquei um pequeno texto chamado “O Politicamente Correto e os Idiotas”.³¹ Eis:

Utilizar a linguagem como arma psicológica de dominação não é uma idéia nova. Paul Joseph Goebbels³² substituiu algumas palavras e eliminou outras que incomodavam o projeto nazista. Antes, na União Soviética, quando Adolf Hitler ainda sonhava

ser artista, Lênin transformou o significado de algumas palavras e proibiu outras tantas. Antonio Gramsci³³ – que aprendeu com Karl Marx – também ensinou a destruir a linguagem como forma de implantação de “uma nova ordem” social e cultural. E Maquiavel ensinou que o Príncipe deve, mais do que utilizar as palavras de maneira conveniente, convencer seu povo a usá-las conforme a sua conveniência.

O que estes crápulas sabiam é que quando a linguagem declina, a capacidade de compreensão da realidade diminui na mesma intensidade. Quem não compreende os fatos não pode avaliar, não pode comparar, não pode reagir. Mas pode – e será! – manipulado.

Essa onda do politicamente correto não é espontânea e não é “bacana”. É uma idéia satânica criada nos anos 40 e aperfeiçoada nas décadas seguintes por influentes acadêmicos de universidades americanas ligadas aos grupos globalistas. Seu objetivo é destruir a capacidade cognitiva impondo regras morais contrárias às regras que regem a linguagem e a comunicação das pessoas. Esta técnica psicológica já estava nos estudos de Ivan Pavlov³⁴ e foi aperfeiçoada em diversos experimentos controlados por programas governamentais como o MK Ultra ou por organismos privados como o Tavistock Institute³⁵ desde os anos 40 e pelo menos até a década de 1960. Os russos e chineses também estudaram bastante esse assunto e suas ditaduras usaram muitas destas técnicas

Comprovada sua velhice e a má-fé que a originou, passemos então à sua estupidez. Como funciona a destruição da linguagem pelo “politicamente correto”? Em que consiste, de fato, esse troço?

Consiste, na esmagadora maioria das vezes, em substituir uma palavra por uma expressão “não-significante”, vazia, ou por uma palavra que possui outro significado. Afrodescendente não é negro. A atriz Charlize Theron é afrodescendente e é mais loira que a Marilyn Monroe. Só aí já dá para perceber como é falha essa substituição.

O politicamente correto toma a figura de linguagem como fato. O eufemismo como descrição objetiva. Seus defensores acreditam na idéia de que excluir uma palavra pode eliminar um problema, uma estupidez tão absurda que só uma burrice coletiva sem precedentes pode explicar.

Esse patrulhamento na linguagem se enraizou na nossa cultura, na imprensa e até na literatura. Gerou uma nova forma de censura, muito pior, subliminar, rasteira, que só fortalece a hipocrisia, a falsidade, o puxa-saquismo.

Seguir essa onda idiota, que se replica como vírus, demonstra insegurança, necessidade de aprovação e incapacidade intelectual. Além de confundir o intelecto e limitar a imaginação e o raciocínio, o maldito “politicamente correto” ainda traz um problema maior, de ordem moral: obriga a mentir!

Você está vendo um gordo; sabe que é um gordo; gordo, no dicionário, quer dizer exatamente aquilo que você está vendo, mas para não desagradar os patrulheiros da estupidez, você mente: “horizontalmente avantajado”.

Um exemplo mais sério: quando as palavras que indicam objetos “não-sensíveis” são esquecidas ou substituídas, os conceitos que elas representam vão para o poço do esquecimento já na próxima geração. Conceitos como saudade, misericórdia, compaixão podem desaparecer da vida cotidiana das pessoas por séculos, para depois serem restaurados após uma convulsão causada pela repressão destes instintos naturais. E isto é apenas um dos males dessa doença que infesta toda sociedade ocidental.

Eu vejo a burrice contemporânea, que já é histórica, como consequência da destruição da linguagem, um resultado que prova a eficácia de um plano diabólico.

A única saída para tomarmos de volta o longo caminho da normalidade é o abandono imediato das regras e doutrinações PC. Adianto que não será uma tarefa simples ou rápida, pois essas idéias já fazem parte do cotidiano, estão nas leis, nos livros e, o que é pior, estão instaladas nas cabeças das pessoas.

As fofoqueiras virtuais

Qual a diferença entre uma pessoa que expõe suas mazelas e da sua família em uma esquina daquela que posta seus problemas de foro íntimo nas redes sociais?

O Facebook, o Twitter e outros serviços eletrônicos trouxeram à tona um traço obscuro de muitas pessoas que parecem não diferenciar os assuntos públicos dos assuntos privados.

Chega a ser engraçado assistir desavenças particulares sendo tratadas com publicidade inexplicável, mas confesso que depois das risadas sinto um espanto que às vezes custa a desaparecer.

Pensando de forma mais objetiva, percebo que esse comportamento tão visível nas telas do computador, do celular ou das TVs indica um derretimento da personalidade, uma fragilidade moral que só pode ser explicada pela carência ou desorientação sobre o sentido da vida e das

coisas ao seu redor.

Se você também acha que a mentalidade fofoqueira, que mistura público e privado e incentiva a superexposição, é uma coisa chata e cafona, olhe com cuidado e verá mais, verá traços inquestionáveis de loucura...

Ativistas

Antigamente diziam que chato era o sujeito que quando está com tosse, ao invés de ir ao médico, vai ao teatro. Ativista, um eufemismo para chato de galocha, consiste em ser aquele indivíduo que, diante de um problema, nem cogita a idéia de rearranjar a sua vida ou visitar um psiquiatra, pensa logo em mudar o mundo inteiro.

Os ativistas, não obstante, proliferam feito coelhos, e, ao contrário dos bichos peludos de grandes orelhas, esses orelhudos não servem pra nada.

Atualmente nem é mais possível identificar ou listar todas as espécies de ativismo que infestam a sociedade brasileira e mundial. E mesmo diante de tantos “exércitos”, espalhados por toda variedade possível e até imaginável de assuntos, com pautas tão divergentes, contraditórias e muitas vezes disparatadas, e mesmo com os financiamentos bilionários, é raríssimo, pra não dizer impossível, encontrar algum resultado positivo no ativismo profissional.

Como em quase toda forma de loucura social, existem dois lados no ativismo. De um lado, um pequeno grupo de malandros doutrinadores, dispostos a ganhar dinheiro e poder, cria uma estorinha, “uma causa”, um pano de fundo para disfarçar seus reais interesses. Do outro lado, os doutrinados, um grupo maior e mais heterogêneo que ignora os verdadeiros objetivos, mas vai se tornar caixa de ressonância da estorinha e defender “a causa” com unhas e dentes. As razões do ativista idiota útil são confusas, podem apoiar a causa por motivos como simpatia, moda ou covardia, e normalmente obedecem a comandos que manipulam o “hábito rebelde” e o espírito de manada que estão no fundo da sua alma.

Se todo dinheiro gasto com ativistas fosse destinado aos nossos verdadeiros problemas, não existiria mais fome, refugiados ou analfabetos no mundo. E ainda daria para tomar umas cervejas com o troco.

Transtorno de hipersensibilidade

Este tópico é uma espécie de anexo do anterior, na verdade. O

transtorno de hipersensibilidade não é exclusividade dos ativistas, mas como essa patologia ataca pacientes que negociam a indignação, a doença é mais facilmente verificável entre os profissionais da reclamação.

Este distúrbio também pode ser analisado como arma estratégica de interesse vital em uma guerra assimétrica. Nestes casos, que costumam representar os principais usos desta “ferramenta”, o foco do problema sempre – ou quase sempre, pelo menos –, se transfere e torna confusa a compreensão e impossível a solução

Na próxima vez que perceber um exagero sentimental, um coitadismo diante de uma notícia aparentemente banal, procure saber qual a causa que o “sensível” defende. Quase sempre o resultado da procura vai levar a alguma espécie de ativismo profissional, aquele das ONGs milionárias cujos membros querem mudar o mundo mas ainda não arrumam as próprias camas.

Ativismo gay

O que penso sobre o homossexualismo ou a homossexualidade pode se resumir em algumas poucas questões: todos são iguais e devem ter os mesmos direitos garantidos. Ninguém deve julgar condutas privadas entre pessoas adultas desde que elas não firam os direitos dos demais. O que um adulto faz ou deixa de fazer na sua vida íntima não é da conta de mais ninguém além dela mesma e, se for alguém com alguma religiosidade, da sua relação com Deus.

Acho que os homossexuais têm o direito de viver do jeito que quiserem, devem namorar, sair, ficar ou conseguir uniões estáveis com as mesmas garantias legais dos heterossexuais. Todos eles têm direito à dignidade, ao respeito e a uma legislação com os mesmos princípios que regem toda sociedade.

Sou contrário, no entanto, ao movimento político organizado que visa obter benefícios para um grupo de pessoas de forma incoerente, injusta e inconstitucional. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, diz o artigo 5º da nossa Constituição. Não é necessário criar uma lei para punir crimes contra homossexuais. Já existem leis para punir quem agride, quem ofende e quem humilha outra pessoa, seja qual for a vítima ou o acusado. Quem se sentir prejudicado pode e deve procurar a Justiça, da mesma forma que fazem os heterossexuais, os brancos, os negros, os asiáticos, os budistas, os baixinhos, os magrelas ou os taxistas. Para que todos nós tenhamos os mesmos direitos e ninguém tenha privilégios perante os demais, temos que evitar qualquer lei que especifique a vítima. Por

pensar assim, algumas figuras já me chamaram de homofóbico. Como diria Narcisa Tamborindéguy, “*Não é uma loucura?*”.

Ideologia de gênero

G. K. Chesterton, uma das mentes mais brilhantes dos últimos séculos, disse que um dia ainda teríamos que provar que a grama é verde. Pois é, esse dia já chegou.

Nenhum parâmetro é mais objetivo do que o sexo. Um indivíduo, invariavelmente, nasce homem ou mulher. Em 99,9% dos casos, o sexo do bebê é bem nítido. A diferença é clara, objetiva, evidente, escandalosa até, por isso não existem dúvidas quanto à objetividade do sexo de um bebê.

Mesmo entre os animais, quem entende do assunto sabe se aquele filhote é uma fêmea ou é um macho, e a confusão só ocorre em raríssimas exceções. Esta é uma questão indiscutível e o cotidiano a comprova. Ou será que alguém que deseja iniciar uma criação compra dois indivíduos aleatoriamente, sem escolher o sexo de cada um deles?

Durante pelo menos 6.000 anos de civilização humana, ninguém teve dúvidas quanto a isso. De repente, uma minoria de pessoas, influenciada por ideologias que tratam a realidade como um detalhe inconveniente, decide que não existe objetividade na identificação por base no órgão genital.

Na melhor das hipóteses, a ideologia de gênero é uma loucura coletiva que só avança devido à gritaria e ao vitimismo que ataca quem discorda, pregando neles o rótulo de homofóbico e preconceituoso. Na pior é uma artimanha que visa destruir os parâmetros que regem a normalidade com o intuito de criar uma nova sociedade inteiramente baseada em princípios subjetivos.³⁶

Um raciocínio torto como acreditar que o sexo é uma construção social leva a contradições que vão embaralhar toda sociedade. Só para citar um exemplo que mostra a loucura que é esse troço, como faremos com as cotas para mulheres no Parlamento, essa outra loucura recentemente aprovada? Se um indivíduo pertence ao sexo que ele alegar ter, como evitar que um homem afirme ser mulher para ocupar a vaga?

Não se trata de ser contra, a favor ou indiferente aos direitos homossexuais, não se trata de preconceito ou coisa parecida. Não é preciso um profundo raciocínio para perceber que a idéia de que o sexo é uma construção social padece de qualquer substância, pertencendo à categoria da insanidade pura e simples.

Para entender a real face de um comportamento existe uma fórmula que costuma ser eficiente. Consiste em comparar conceitos próximos e fazer uso de analogias com seus opostos. No caso do feminismo as comparações evidenciam sua pobreza intelectual, exatamente como todas as idéias que simplificam questões complexas e generalizam vários aspectos para que se encaixem em rótulos pré-concebidos repletos de chavões e palavras de ordem. Assim como o machismo, o ativismo homossexual ou feminista são simplificações vazias que visam qualificar todo um grupo de pessoas que na maioria das vezes nem compartilham suas preferências com os ativistas.

Defender a igualdade de direitos é uma causa nobre e deve ser valorizada, mas o feminismo não nasceu por esta razão e apenas fez uso desse justo objetivo. Vale lembrar que até mesmo a palavra “feminismo” foi pensada por Charles Fourier,³⁷ um socialista lunático cujas idéias influenciaram os *soviets*,³⁸ aquela maravilha que acabou matando milhões de inocentes, inclusive mulheres. Esse homem obscuro e de certa forma bastante influente, nunca esteve preocupado com direitos femininos, mas tinha interesses políticos bem definidos e a intenção declarada de atingir o cristianismo.

Com o tempo e a ascensão de novas lideranças o feminismo assumiu de vez a sua faceta política e hoje serve a uma luta política pouco ou nada relacionada à proteção do sexo feminino.

Sem dúvida o direito ao voto e à herança, a igualdade legal e a abertura do mercado de trabalho foram conquistas importantíssimas para as mulheres, mas não é totalmente certo creditá-las ao feminismo, embora este tenha por certo influenciado em parte estas mudanças. Para além dos direitos, que devem mesmo ser iguais, aprecio a diversidade que existe entre os sexos e acredito que não há nenhum benefício em igualar à força pessoas com características exclusivas e diferenças evidentes.

Em resumo, o feminismo não é um movimento a serviço das mulheres, mas uma ferramenta política que visa estabelecer novos valores para uma nova sociedade, uma nova civilização.³⁹ E para cumprir seus reais objetivos vai destruir a convivência e atropelar o bom senso.

Para finalizar, resumir e provar que o feminismo é uma ferramenta política basta notar que seus ideais nunca são invocados para atacar um membro da esquerda. As ditaduras da União Soviética, da China, da Coréia do Norte, na Cuba de Fidel ou nas teocracias do Oriente, todos eles regimes violentamente machistas, onde a mulher não tem

nem mesmo o direito à dignidade, nunca são criticadas pelas feministas, enquanto as democracias ocidentais e capitalistas, que permitem inclusive os protestos feministas sem que nada ocorra às manifestantes, costumam ser alvos prioritários do movimento.

Quando um comunista bate na mulher as feministas fingem que nada aconteceu. Se um líder político da esquerda faz uma piada machista, nenhuma *hashtag* é criada, nenhum protesto obstrui a Avenida Paulista.

Quem vive no Brasil, tem um pouco de memória e ainda não enlouqueceu por causa da ideologia deve lembrar bem disso: há pouco tempo um professor universitário conhecido por sua defesa intransigente do governo e das causas esquerdistas, escreveu nas redes sociais que a jornalista Rachel Sheherazade merecia ser estuprada. Sabe quantas entidades feministas, ONGs e advogadas vieram em seu auxílio? Nenhuma. Como ela é adversária política da ideologia que as feministas defendem e do governo que sustenta e apóia o movimento, não merece atenção daquelas que dizem defender os direitos das mulheres. Por muito menos o deputado Jair Bolsonaro recebeu um caminhão de protestos e processos, mas o professorzinho é do time, então pode fazer, falar e escrever o que quiser. Sabe aquela história dos porcos que escreveram “todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”? Pois é...

Bullying

Todos foram crianças um dia e, com algumas exceções, sofreram ofensas e ofenderam em algum momento da vida. O relacionamento entre crianças e adolescentes é e sempre foi conturbado, repleto de disputas, conquistas e derrotas. Nessas fases das descobertas, todos os dias se aprende alguma coisa e muitas vezes o aprendizado passa por situações desagradáveis e decepcionantes. Infelizmente essa é a realidade e não há muito como evitá-la sem romper com esse ciclo que mais tarde vai se mostrar necessário.

Faz parte do crescimento e do desenvolvimento saudável de uma criança ou adolescente enfrentar momentos em que a realidade exige posturas mais firmes para se defender. Ser chamado de baixinho, gigante, magrelo, gordo ou feioso não é algo obrigatório, mas muitíssimo comum, e não adianta fingir que isso não vai acontecer por conta de regras escolares ou regulamentos oficiais, muito menos legislações estatais. O único resultado possível desta burocratização das relações entre as crianças é cercear as liberdades, inclusive e principalmente daqueles que não fazem nada além do esperado para a fase.

A saída mais eficaz, no meu entender, consiste na orientação por parte de familiares e professores no sentido de garantir aos pequenos a certeza de que aquilo não é algo sério, e ensiná-los a se defender, seja pela indiferença, seja por uma postura mais firme. Não se trata de ensinar a revidar, mas a se posicionar defensivamente. Ofendeu? Ofenda de volta, sem se intimidar e de preferência mostre indiferença e desprezo. Na maioria das vezes funciona.

Quando o problema alcança a agressão física, as coisas podem se complicar e cada caso deve ser verificado individualmente, mas quase sempre fazer uma reclamação ao professor ou a algum adulto resolve.

Trato aqui dos casos mais comuns de conflitos entre crianças e adolescentes, mas sei que existem exemplos de agressões insistentes, perseguições constantes e outras formas de assédio que não são nem um pouco saudáveis ou naturais. Nestes casos serão necessários outros meios de ação, pois é evidente que qualquer exagero deixa de fazer parte do rumo natural das coisas e pode exigir medidas mais complexas que nada tem a ver com o que tratamos aqui.

Não sou a pessoa mais indicada para orientar crianças ou adultos, mas como fui vítima e algoz de *bullying* centenas de vezes ao longo da infância e adolescência, acredito que não seja necessária nenhuma lei específica, pois apenas uma ínfima parte dos acontecimentos comuns a esta fase extrapolam o normal. Querer transformar qualquer conflito infantil em *bullying* é a chave para ter um futuro cheio de adultos mimados com personalidades frágeis e incapazes de resolver seus próprios problemas.

Vegetarianos

Não costumo dizer o que os outros devem fazer. Muito menos comer. Os hábitos alimentares são estritamente particulares e acho até desrespeitoso quando alguém tenta convencer os demais a respeito das vantagens da sua dieta. Nada mais chato que aquele natureba que tenta a todo custo convencer os amigos de que aquele brócolis é muito mais saudável do que a bisteca. E sinto uma espécie de nojo metafísico quando vejo alguém fazendo careta para criticar a comida que ele não gosta.

Nunca critico nem criticarei um vegetariano se ele assim o for por causa dos seus gostos. Se alguém decide comer apenas vegetais ou eliminar da sua dieta todos os alimentos de origem animal porque não tolera o sabor ou porque não se sente bem, parabéns! Aceito também aqueles que assim o fazem por motivos religiosos, que por definição estão além da compreensão de quem discorda. Nesses casos o sujeito

está exercendo seu pleno direito e eu sempre respeito e valorizo quem pensa e age dessa forma.

No entanto, acho meio boboca quando alguém deixa de comer carne ou qualquer outra substância porque deseja se enquadrar em um grupo de pessoas ou porque acredita que defendendo uma causa, uma ideologia, se tornará melhor do que os outros. Para esses idiotas a única coisa a fazer é ignorar suas preferências e seguir em frente. Posso até rir por dentro e deduzir que a babaquice deve se alastrar para outras áreas, mas nunca criticarei uma decisão pessoal que nada interfere na minha vida.

Meu problema é com o ativismo vegetariano, que assim como todos os outros, busca transformar o mundo de acordo com suas preferências pessoais. Esses indivíduos não são apenas chatos e bobocas, são aqueles que criam campanhas, fazem protestos e, quando têm oportunidade, lançam mão de proibições para obrigar aqueles que discordam. Quando esse tipo de gente alcança o poder, os hábitos das demais corre perigo, pois logo passa a exigir que todos tenham pensamentos e comportamentos semelhantes aos seus.

Além do seu caráter autoritário, o discurso do ativista vegetariano é uma das coisas mais estúpidas que eu já encontrei. Certa vez uma garota afirmou que só deveríamos comer vegetais porque os animais sofrem e morrem para que possamos nos alimentar. Quando falei a ela sobre um documentário⁴⁰ que mostra que as plantas sentem uma espécie de dor ou reação desagradável quando são cortadas ou queimadas, e que, portanto, para manter a coerência do seu raciocínio ela deveria passar a comer pedras, nunca mais falou comigo.

Em uma outra ocasião almoçava com uma colega de trabalho e ela começou a criticar o meu bife porque segundo ela o coitadinho do boi sofria demais para alimentar minha fome opressora. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, reparei que ela comia um peixe e então perguntei sobre aquela disparidade, afinal de contas a morte de um peixe deve ser algo parecido com uma vaca se afogando. Ela respondeu que o gado é um símbolo da dominação capitalista porque são explorados desde o nascimento e seguiu-se o blá-blá-blá de sempre... Diante dessa baboseira, nem respondi mais nada, voltei a comer o bife, mas gravei na memória aquela resposta, que serve bem para explicar a ideologia que alimenta o ativismo vegetariano.

Na verdade, se um vegetariano não tentar mudar a minha vida, não tenho nada com isso, nem reclamo da sua existência ou da sua preferência. Acho até bom! Talvez a queda na demanda possa diminuir o preço da picanha ou da costelinha de porco.

Existem diversas piadas a respeito das dietas e seus milagres, mas as mais engraçadas estão relacionadas às pessoas que levam a sério qualquer bobagem que um “especialista” fala no telejornal ou na sua revista de fofocas preferida.

O que os “especialistas” não lembram ou não gostam de lembrar é que existe a História, e ela deveria servir de parâmetro. É evidente que a observação histórica a respeito da alimentação dos povos normalmente merece mais atenção do que a opinião de um acadêmico qualquer, que trancado em seu laboratório busca revolucionar o modo de vida de todas as outras pessoas.

Entre os alimentos que os especialistas alternam entre as categorias “danoso” e “saudável” estão: azeite, vinho, ovos, gordura, arroz, chocolate, glúten, *bacon*, leite, trigo, carne, cerveja, sal, feijão, castanhas, azeitona... Simplesmente os alimentos mais consumidos pela espécie humana ao longo dos milênios.

Se o problema dos especialistas em dietas se restringisse à sua chatice, não mereceria mais atenção e bastaria ignorá-los, mas acontece que ultimamente as opiniões desses indivíduos que se acham iluminados têm levado a proibições, restrições, novos impostos e muitas outras decisões que afetam a vida das pessoas.

Quem se alimenta seguindo as receitas dos “especialistas” começa mudando sua dieta pelo menos uma vez por semana, passa a obedecer às legislações criadas por eles e acaba comendo papinha em algum hospital psiquiátrico.

Antitabagistas

Exatamente no dia em que escrevo esta nota, comemoro quatro anos livre do vício do cigarro. Não digo que parei de fumar, nem mesmo que um dia pretendo parar, digo apenas que não sou mais um servo dos canudos nicotinados. Após cerca de 27 anos fumando um maço de Marlboro por dia, fumar um cigarro ou dar umas pitadas em um cachimbo de vez em quando não me parece tão terrível.

A decisão nunca foi influenciada pela propaganda antitabagista. Desconfio que inalar fumaça com tanta frequência deve mesmo trazer alguns malefícios para a saúde, mas não acredito em tudo o que dizem e gosto de pensar que a intenção de abandonar o vício foi uma busca pela liberdade de fumar apenas quando quero, e não mais sempre que posso.

Mesmo sendo um ex-viciado que admite os males do cigarro, tenho

certa aversão à militância antitabagista, que costuma exagerar tanto nas campanhas a ponto de quase sempre mergulhar na insanidade pura e simples.

Um exemplo muito nítido de como as campanhas contra o cigarro beiram a alucinação está nas imagens grotescas que obrigatoriamente estampam as embalagens e a publicidade de tabaco no Brasil e em outras partes do mundo. Outra estupidez é criar um limite mínimo de cigarros por maço e mais ainda impingir por decreto um preço final mínimo para a venda de cigarros pelo comerciante.

Além de não ter alcançado uma sensível diminuição das doenças respiratórias, apesar da queda vertiginosa do número de fumantes, o próprio conceito do antitabagismo militante mostra-se equivocado ou no mínimo suspeito quando percebemos que toda onda de liberação das drogas muitas vezes surge dentro destas mesmas instituições antitabagistas e conta com o mesmo respaldo intelectual, político e financeiro daqueles que condenam o cigarro.

Pesquisando sua origem, seus financiadores e seus objetivos não declarados, chego à conclusão de que a mudança comportamental trazida pelo absoluto sucesso da luta contra o cigarro pode não trazer apenas benefícios, mas também algumas coisas desagradáveis. A histeria é uma delas.

Ateístas

Vejo o ateísmo com tristeza. Deve ser muito triste não perceber a presença de Deus e não reconhecer Sua ação na realidade. De fato, mesmo os mais crentes podem passar por momentos de dúvida, de negação e até de ódio ao universo real. E esses momentos costumam ser terríveis. Por isso respeito as pessoas que infelizmente não conseguem identificar as inúmeras evidências da existência de uma causa primordial de todas as coisas, de uma inteligência criadora superior, que está além da compreensão e que abarca todas as possibilidades. Se a dúvida é sincera, merece nossa compaixão, e se for preciso e solicitada, merece nossa ajuda.⁴¹

O ateísmo passa a ser uma forma de insanidade quando ele deixa de ser uma dúvida sincera e passa a combater a crença em um Deus onipotente, onipresente e onisciente. O indivíduo passa a agir como um louco quando afirma que de acordo com seu raciocínio, o que os outros sabem por experiência pessoal é um delírio, classificando como idiotas não apenas a imensa maioria das pessoas que existem ou já existiram, mas principalmente as mais inteligentes entre estas e aquelas. A loucura não é a ausência da crença, mas a militância

contrária à crença.

Além de insanidade patente, o ateísmo militante é também a mais ousada das formas de arrogância, pois corresponde a acreditar que não existe nada acima da sua compreensão.

Moda

Tenho uma ligeira ojeriza a tudo relacionado aos modismos. Não consigo encontrar nada muito agradável em um conjunto de conceitos que tem por objetivo definir como uma pessoa deve se vestir, falar, consumir ou pensar. Principalmente quando percebo que por trás desses conceitos existe uma empresa, uma instituição ou pessoas querendo lucrar com o conceito difundido, e não apenas com o produto ou serviço oferecido – o que é sempre justo.

Só encontro uma explicação para a ascensão da moda como símbolo de adequação. O mundo moderno dá uma importância exagerada à aparência e, mais que isso, acredita que boa aparência significa andar vestido de acordo com as definições da indústria da moda.

Embora não esteja sozinho, sei que a maioria discorda e acha radical minha resistência à moda, mas de qualquer forma acho que a maturidade consiste em não depender mais de algumas amarras, entre elas a necessidade de parecer adequado. Nesse assunto admito que são grandes as chances que tenho de ser recolhido à Casa Verde.

“Modernetes” ou “urbanóides”

Existe uma classe de alucinados que acredita que tudo que é novo é bom e tudo que é velho é mau. Eles seguem as orientações dos “modernetes” célebres e costumam andar em bandos, com amigos que mais parecem clones. Vivem falando em mobilidade urbana e transporte público de qualidade, mas gostam mesmo é de andar em carros pequenos e feios, mesmo que sejam caros, desde que o fabricante inclua na publicidade a palavra “sustentável”. Esses estranhos seres que povoam as grandes cidades se alimentam daquilo que os colegas indicam, escolhem as músicas baseando-se exclusivamente na sua irrelevância e obscuridade e se vestem de acordo com a última moda moderna, não importa quão ridícula ela seja. Feito membros de uma seita, amam, odeiam e sentem vergonha em grupo, e suas idéias originais são sempre coletivas.

Os modernetes gostam de frequentar lugares esquisitos, exposições incompreensíveis e performances exóticas e suas preferências pessoais, intransferíveis e espontâneas são definidas pela tribo que pertencem.

Em alguns aspectos eles se assemelham aos antigos chatos que veneravam Godard, ouviam Frank Zappa e fingiam ler James Joyce, com a ligeira diferença que os novos modernetes cultuam Mujica,⁴² ouvem “música” eletrônica, lêem o *site* do Catraca Livre, mas fingem ler Piketty.⁴³ São chatos da mesma forma, mas agora eles vêm montados em “*bikes*” e não gostam de sorvete, apenas de *paletas mexicanas*.

“Eco-chatos”

Não há como negar que precisamos nos preocupar com o ambiente em que vivemos. A poluição é um problema grave que deve ser estudado, criticado e combatido. Ninguém que possua dois neurônios funcionando pode concordar com os idiotas que jogam lixo no mar, com os esgotos sem tratamento que são despejados nos rios, com as empresas que descarregam seus resíduos tóxicos sem tratamento na natureza e com todas as outras barbaridades cometidas diariamente em boa parte do mundo, com destaque especial para o Brasil, um dos países que ainda têm algo a preservar. Estes são fatos visíveis e óbvios, assim como é óbvio que muita gente ganha dinheiro com a poluição criminoso, seja o criminoso que espera gastar menos, seja o burocrata que fica rico para fingir que nada vê.

O que muitos esquecem é que existe um outro lado, formado por aqueles que ganham dinheiro ou projeção política para interpretar o herói que defende a natureza, que enfrenta os poluidores e trabalha para a população apenas movido por belos ideais. No Brasil, inclusive, esse herói vive do dinheiro público, mesmo sendo de uma ONG, ou seja, uma organização NÃO governamental.

Nenhuma outra área acomoda tantas ONGs como a ecologia. Por mais insignificante que pareça um inseto, um matagal com meia dúzia de árvores nativas, sempre existe uma entidade disposta a arrecadar dinheiro para solucionar um problema que normalmente está a anos luz de uma solução.

Enquanto essa febre ecológica contaminar a sociedade a ponto de concordar em gastar bilhões de dólares, e enquanto os “eco-chatos” continuarem incentivando e financiando esses movimentos, nada vai mudar. Pense bem: quando um picareta está ganhando uma boa grana para resolver um problema sem solução, tudo que ele quer é mais problema.

Os ecologistas profissionais normalmente estão muito ocupados com o assassinato das baleias no Oceano Índico, por isso não conseguem se preocupar com detalhes inconvenientes como liberdade, miséria ou

assassinatos de humanos, mas montam escritórios nos Jardins ou no Leblon e precisam de muito dinheiro.

O Zimbabwe, o leão e os fetos

O Zimbabwe é um país pobre, seu Índice de Desenvolvimento Humano ocupa o 156º lugar, ficando nesse quesito atrás de Ruanda, Angola, Nigéria e Quênia. Grande parte da sua população passa fome ou está abaixo da linha de pobreza. Algumas fontes dizem que cerca de 15% da sua população adulta tem o vírus HIV,⁴⁴ em outras esse número é ainda maior.⁴⁵ Apesar de possuir algumas das mais lindas paisagens do continente africano, é um país mergulhado na miséria.

A cada dia pessoas morrem por falta de mínimas condições de higiene, saúde, segurança e alimentação. E muitas outras apenas sobrevivem sem qualquer esperança de um dia sair dessa situação miserável, apenas adiando o inevitável.

Essa triste realidade, que não é incomum em outros países da África e outras regiões, nunca encontrou muito espaço na imprensa internacional. Não era comum encontrar nem mesmo uma notinha a respeito de Robert Mugabe, o ditador que está no poder desde 1980, fingindo-se de democrata, vivendo no luxo, ameaçando adversários e recebendo um bom dinheirinho de vários países do Ocidente, inclusive do Brasil. Também não é fácil encontrar na imprensa as informações de que o país, a antiga Rodésia, é o resultado de uma experiência social idealizada por sujeitos como Cecil Rhodes⁴⁶ e outros globalistas.

Neste triste contexto, surge a história do dentista idiota que matou o leão Cecil, que vivia dentro de uma reserva. O mundo desabou! Milhões de pessoas indignadas responderam ao chamado da grande imprensa e inundaram a Internet com declarações de amor ao leão e ódio aos humanos, não apenas aos dentistas idiotas, mas a todos humanos.

Tendo isso coincidentemente ocorrido na mesma semana em que apareceram vídeos comprovando que a maior rede de clínicas de aborto do mundo lucra milhões de dólares vendendo pedaços dos fetos assassinados,⁴⁷ e sendo esta notícia ignorada por quase toda imprensa internacional, só resta perguntar: onde foi parar a saúde mental da nossa sociedade?

Sacolas de supermercado

A proibição das sacolas de supermercado, que começou na cidade de São Paulo e promete se espalhar para todo Brasil, não é apenas

uma estupidez, nem só mais uma arbitrariedade cometida pela interferência do Estado na vida privada das pessoas, é um exemplo claro de como as coisas funcionam atualmente. O case das sacolinhas é relevante porque ajuda a entender a mentalidade dominante da nossa sociedade capenga.

Os donos das grandes redes de supermercado, buscando diminuir seus custos e conseqüentemente elevar seus lucros, pensaram em cancelar a entrega das sacolas. Logo alguém os avisou que seus consumidores poderiam se sentir enganados, já que todos sabem que o seu custo está embutido no preço das mercadorias. Também avisou que poderiam perder clientes ofendidos, afinal, além do seu valor material, a sacola também estava incorporada aos seus hábitos e servia muito bem para embalar o lixo, entre outras dezenas de utilidades. Com isso perderiam os clientes mais sensatos e exigentes, que buscariam um fornecedor que mantivesse o serviço e a gentileza.

A solução encontrada foi proibir a distribuição das sacolas, mas como a proibição não seria aceita de imediato, foi preciso transformar um tema econômico em problema ambiental. Passaram então a exibir uma preocupação ecológica sem precedentes e durante anos financiaram e estimularam ONGs e um exército de idiotas úteis que começaram a reclamar das sacolinhas sempre e a todo instante.

Como os supermercadistas estão entre os maiores anunciantes e a imprensa funciona como uma máquina movida a moedas, choveram imagens de tartaruguinhas morrendo asfixiadas pelas malditas sacolas. Quase ninguém questionou a incoerência e hipocrisia desta lei e os reais objetivos da proibição. E sendo o povo brasileiro ávido por fazer parte do grupo dos descolados preocupados com a natureza, em pouco tempo estava formado um senso comum: “precisamos nos livrar dessas sacolinhas”.

Não demorou muito para aparecer um político e capitanear a preocupação dos ambientalistas. Os supermercadistas comemoraram, os bobocas agradeceram e todo mundo ficou feliz, menos as tartarugas, já que as demais embalagens, os sacos de lixo e as sacolas que contêm algumas palavras mágicas continuam por aí.

Diagnóstico e tratamento das loucuras sociais

A cada dia o mundo fica mais louco, e confesso que mesmo diante da constante repetição, ainda fico espantado com a situação. Não apenas pelas notícias que indicam as alucinações cotidianas tornadas prática comuns, mas principalmente porque as maluquices estão se tornando padrão e referência para coisas outras ainda piores e,

assustadoramente, tudo está acontecendo em um ritmo mais e mais acelerado.

Como uma espécie de espiral, que a cada volta fica mais curta e com um caminho mais rápido a ser percorrido, a sociedade enlouquece a olhos vistos e sem qualquer perspectiva de cura, tendo em vista que os remédios indicados são os mesmos que a estão enlouquecendo.

Para fazer um diagnóstico da insanidade coletiva que tomou conta das discussões públicas no mundo não é preciso muito esforço, basta ler um jornal, acompanhar o cotidiano das universidades ou olhar pela janela.

Restringindo a observação ao Brasil, a situação é ainda mais evidente. Em um país onde a História e a realidade foram abandonadas ou deformadas, onde o politicamente correto e seus filhotes se tornaram mais relevantes do que a verdade, onde a maioria dispersa é subjugada por minorias organizadas e com objetivos políticos bem delineados – mesmo que disfarçados de bom-mocismo –, não é mais possível negar que vivemos um panorama bem distante da normalidade mental.

Os tratamentos que julgo adequados para a loucura da sociedade brasileira são simples e repetem as fórmulas para a cura de quaisquer outras doenças intelectuais tratadas anteriormente.

Apesar da aparente simplicidade dos remédios, não se pode cometer a ingenuidade de acreditar que a cura de uma sociedade doente como a nossa seja tarefa fácil.

O primeiro passo é colocar a realidade acima das ideologias e preferências. Conhecer a História e identificar os agentes que têm levado o mundo a esse estado de coisas. Sem uma perfeita compreensão dos personagens e das idéias que influenciam o mundo de hoje, qualquer remédio terá, na melhor das hipóteses, um efeito placebo que promete se dissolver no mar de afirmações e negações de uma discussão sem fim e sem qualquer chance de sucesso.

Um segundo passo, ainda mais difícil, diz respeito à humildade, no sentido de abandonar todo um conjunto de conceitos enviesados que se instalaram na mente de todos, mesmo dos mais atentos. E largar mão do que acreditávamos é um desafio imenso, uma facada no orgulho.

Apenas o desejo de conhecer a verdade, o estudo humilde e a dedicação desinteressada podem iniciar um processo de tratamento da nossa sociedade, o que certamente vai exigir muito tempo. Sem esquecer, é claro, que são grandes as chances dessa doença se tornar crônica.

“Não tenho possibilidade de consertar nada, mas tenho a obrigação de denunciar tudo”.

– Chico Anysio.

1 *Pare de acreditar no governo – Por que os brasileiros não confiam nos políticos e amam o Estado?* – Bruno Garshagen. Editora Record, 2015. 2 *Ponerologia: Psicopatas no poder* – Andrew Lobaczewski. Vide Editorial, 2014. 3 O tema desta seção pode ser aprofundado com a leitura do livro *A mentalidade anticapitalista*, de Ludwig von Mises. Vide Editorial, 2ª ed., 2015. 4 Rocha metamórfica de cor azul muito utilizada em ornamentos na Antiguidade. 5 Franz Kafka (1883 – 1924), escritor tcheco, autor do livro *O Processo*, distopia que aborda a burocracia alucinante. 6 Procure pela entrevista de Yuri Alexandrovich Bezmenov, ex-agente KGB. Foi gravada em 1984 e está disponível no YouTube. 7 Max Stirner, pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt, (1806 – 1856), pensador anarquista alemão. 8 Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865), pensador anarquista francês. 9 Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814 – 1876), pensador anarquista russo. 10 Procure conhecer *Os dez princípios conservadores*, de Russell Kirk; e leia o livro *As idéias conservadoras*, de João Pereira Coutinho. Editora Três Estrelas, 2014. 11 George Weinberg, psicólogo americano nascido em 1935. 12 Saul David Alinsky (1909 – 1972), escritor e estrategista americano, autor de *Rules for Radicals – A Pragmatic Primer for Realistic Radicals*, livro que influencia esquerdistas poderosos desde o seu lançamento, em 1971. 13 Ou “Mineirão”, faz referência ao estádio de futebol Mineirão, onde ocorreu a fatídica partida, e também ao termo “Maracanazo”, que designa outra derrota fatídica da seleção brasileira, ocorrida na final da Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, no estádio do Maracanã. 14 Frases do presidente americano Ronald Reagan: “Não espere que a solução venha do governo. O governo é o problema” e “O governo não resolve os problemas. Ele subsidia os problemas”. 15 O Brasil é líder mundial em números absolutos de homicídios. Cerca de 56 mil brasileiros foram vítimas de homicídio em 2012 (ano com dados mais recentes). Uma média de mais de 150 mortes por dia. Fonte: Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil; disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf. 16 Movimento Viva Brasil – uma associação civil sem fins lucrativos, que atua no apoio e no desenvolvimento de ações em defesa dos direitos do cidadão. 17 *Mentiram para mim sobre o desarmamento*, de Flavio Quintela e Bene Barbosa. Vide Editorial, 2015. 18 Leia também: *Violência e armas – A experiência inglesa*, de Joyce Lee Malcolm, Campinas, SP: VIDE Editorial, 2014.; *Mais armas, menos crimes* São Paulo: MAKRON Books, 1999) e *Preconceito contra as armas* [Campinas, SP: VIDE Editorial, 2015], ambos de John R. Lott Jr.. 19 Fonte: Open University – www.openuniversity.edu. 20 *Zeitgeist, the Movie*, é um filme americano dirigido por Peter Joseph, lançado em 2013 e que teve boa parte das informações refutadas pelo Dr. Chris Forbes e por vários historiadores em vários documentários posteriores. 21 Trofim Denisovič Lysenko (1898 – 1976) foi um biólogo ucraniano que dirigiu a área de biologia da União Soviética durante o governo de Josef Stalin. O “Mengele Russo”. 22 Benjamin Solomon Carson nasceu em Detroit em 1951. É um neurocirurgião brilhante, cuja vida foi retratada no filme *Mãos Talentosas (Gifted Hands)*. 23 Autor de *Admirável Mundo Novo*, de 1932. 24 Heterônimo de Fernando Pessoa. 25 Existem vários sites que mostram as barbaridades da nossa imprensa. Sugiro começar por esta página do Facebook “Os jornalistas mais burros do Brasil” – <https://www.facebook.com/OsJornalistasMaisBurrosDoBrasil/?fref=ts>. 26 Parte deste texto foi publicado, com algumas modificações, no blog Ordem Natural (<http://ordem-natural.blogspot.com.br>). 27 *O Pasquim* foi um jornal alternativo, editado entre 26 de junho de 1969 e 11 de novembro de 1991. Representava a contracultura da década de 1960 e fazia oposição direta ao regime militar. 28 O Salão Internacional de Humor de Piracicaba é um festival de humor gráfico realizado anualmente desde 1974, na cidade paulista de Piracicaba. Inicialmente funcionava como um centro de resistência de artistas gráficos contra a ditadura militar no Brasil. 29 FEBEAPA: Festival de Basteiras que Assola o País, expressão criada pelo escritor Sérgio Porto, por meio do seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. 30 *Introdução à Nova Ordem Mundial* – Alexandre Costa. Vide Editorial, 2015. 31 Disponível no blog Ordem Natural (<http://ordem-natural.blogspot.com.br>). 32 Ministro da propaganda de Hitler. 33 Fundador do Partido Comunista Italiano. 34 Fillippo Garozzo. *Os homens que mudaram a humanidade*: Ivan Pavlov. Editora Três, 1975. 35 Daniel Estulin. *O Instituto Tavistock*. Publicações Europa-América, Mem Martins, 2012. 36 *Leia Gender, Quem és tu?*, de Olivier

Bonnewijn. Ecclesiae, 2015. ³⁷ François Marie Charles Fourier (1772 – 1837) foi um socialista francês que odiava a industrialização, a civilização européia e a família baseada no matrimônio e na monogamia. ³⁸ Os Conselhos Operários, ou Sovietes, eram colegiados constituídos de membros da classe trabalhadora que detinham o poder de “organizar” a produção na antiga União Soviética. ³⁹ Sobre feminismo, leia o livro *O outro lado do feminismo*, de Phyllis Schlafly e Suzanne Venker. Editora Simonsen, 2015. ⁴⁰ *O universo das plantas*, da National Geographic. Veja também outro documentário: *A vida das plantas*, da BBC. Ambos estão no YouTube. ⁴¹ Uma ótima forma de ajudar é indicar a leitura dos livros *O poder de Deus*, de Tomás de Aquino (Campinas, SP: Ecclesiae, 2013), *Como provar que Deus existe*, de Mortimer Adler (Campinas, SP: VIDE Editorial, 2013) e *Não tenho fé suficiente para ser ateu*, de Norman Geisler e Frank Turek (São Paulo: Editora Vida, 2006). ⁴² José Alberto Mujica Cordano, ex-presidente do Uruguai e queridinho dos “muito modernos”. ⁴³ Thomas Piketty, economista francês nascido em 1971. É autor do livro *O Capital* no século XXI, lançado com grande pompa em 2013, mas que apenas repete o discurso de ódio ao capitalismo e ao livre-mercado. ⁴⁴ Fonte: Avert (www.avert.org). ⁴⁵ Fonte: Unaid (www.unaid.org). ⁴⁶ Cecil John Rhodes (1853 – 1902) foi um bilionário britânico que controlava o negócio mundial dos diamantes e muito contribuiu para os planos globalistas. ⁴⁷ Pesquise sobre os vídeos da *Planned Parenthood*.



Conclusões

“Estes são os meus princípios. Se você não gosta deles, eu tenho outros”.

– Groucho Marx

Uma última nota

Em medicina, logo depois das descobertas sobre os antecedentes do paciente e após a observação dos sintomas, o primeiro passo é diagnosticar, ou seja, descobrir o problema do paciente para que o tratamento possa ser mais eficaz. Como eu espero ter deixado claro, nesse livro não tratei de nenhuma patologia psiquiátrica, mas de “doenças intelectuais”. Os assuntos de saúde mental, inclusive, são problemas muito mais sérios e devem ser diagnosticados de acordo com essa realidade, sem qualquer tipo de abordagem humorística, nem por alguém de talento e muito menos por mim. Feitas as ressalvas que o mundo moderno exige quase todas as vezes que nos expressamos – o que já considero algo bem doido, por sinal –, podemos agora falar do diagnóstico de uma sociedade intelectualmente louca.

A loucura que eu trato em todas essas páginas é aquela que ataca o indivíduo completamente são e que quase sempre dispõe de todas as suas capacidades cerebrais, mentais e cognitivas, mas, por preguiça ou vontade desesperada de agradar um grupo, prefere ver e interpretar o mundo de uma forma muito diferente do que diz a realidade.

Existem vários tipos desses sujeitos, e muitos deles nem foram lembrados aqui, infelizmente, mas o que importa é que o foco desta coleção de absurdidades é que elas não dizem respeito a um indivíduo, ou pelo menos não ao indivíduo comum, mas a grupos de pessoas que insistem em compartilhar personalidades.

A sociedade psicologicamente doente em que vivemos é fruto da supervalorização de grupos de indivíduos que, embora não tenham resultados positivos a oferecer, nem respaldo intelectual ou equilíbrio suficiente, conseguem impor suas idéias a uma maioria desmotivada e inerte. A vontade da maioria quase sempre é deixada de lado pelos grupos mais barulhentos e as consequências dessa indiferença na sociedade serão sentidas em todas as camadas de convivência e provavelmente por longos períodos de tempo.

Os tipos citados ao longo das páginas anteriores, assim como os sintomas colecionados, quando observados individualmente, nem

sempre demonstram a sua verdadeira importância.

Se você observar melhor as coisas ao seu redor, ligando um sintoma aos outros, relacionando suas origens e conseqüências, tenho certeza de que você não apenas há de concordar que vivemos em um mundo doente, mas será capaz de selecionar outros tantos exemplos que não couberam aqui.

Um relato

Trabalhei em dezenas de lugares, dos mais variados segmentos. De pizzarias, lanchonetes e locadoras a fábricas e concessionárias, passando por uma corretora de seguros e uma administradora de consórcios. Quando cheguei ao mercado publicitário, busquei a redação, mas como aquilo era impossível a um inexperiente, comecei pelo departamento comercial e fui aos poucos buscando adequar minha colocação. O objetivo desde a adolescência era trabalhar entre textos e livros, fossem os meus ou de outros autores. Continuando nesse caminho um pouco desordenado, também passei por uma empresa de eventos, agências de publicidade e várias revistas e jornais, além de apresentar um programa de rádio e dois programas televisivos sobre música.

Um dia fui contratado por uma editora que tinha acabado de lançar uma revista de literatura. Finalmente eu estava onde queria. A editora tinha outras 70 publicações e uma gráfica própria. Seu dono era um psicólogo muito inteligente e igualmente louco. Em poucos meses percebi que dos quase 100 funcionários, apenas o dono, eu e mais quatro ou cinco pessoas realmente gostavam de trabalhar no meio de todos aqueles textos. Meu patrão, que alternava momentos de loucura e sensatez, sempre repetia que já tinha visto todos os tipos de loucos, mas, mas, depois de décadas de convívio com eles, jamais encontrou um que rasgasse dinheiro.

Dez anos mais tarde voltei a uma editora do mesmo segmento com o intuito de aprender e aprimorar noções de produção editorial com o objetivo de facilitar meus próximos trabalhos. Lá também encontrei a mesma resistência quanto a livros e leituras, uma espécie de ódio ao conhecimento aliado a uma devoção quase cega aos dogmas da moda e das várias formas de subcultura que os cercavam. Fiquei espantado ao saber que mesmo dentro de uma editora, a maioria das pessoas não tem a mais mínima vontade de aprender, vive de acordo com os modismos mais descolados e costumeiramente se expressa dentro dos chavões da indústria do entretenimento.

Muitos anos depois dessa triste constatação, acho que a gênese deste

livro, mesmo antes de imaginar um dia escrever estas linhas, foi o espanto de perceber como grande parte das pessoas da minha geração, seja no campo profissional ou pessoal, se afastam da realidade em busca do conforto da adequação. Vi isso acontecer diante dos meus olhos: o sujeito enlouquece só pra não ofender os outros loucos. Na opinião desse pessoal, desde que não rasgue dinheiro, qualquer loucura é válida.

Saiba mais

Lista completa de indicações, referências, *links* etc.

Algumas sugestões listadas aqui já foram citadas ao longo deste livro, outras não. Se, mesmo depois de ler tudo que leu, você chegou até aqui procurando uma lista organizada, com referências bibliográficas e acadêmicas para você verificar a seriedade desse trabalho, por favor, volte ao início e leia novamente o ***Disclaimer***. Se mesmo assim você continuar tendo alguma dificuldade, sugiro pedir a um parente próximo colocar o cadeado em sua camisa de força.

Livros indicados:

10 livros que estragaram o mundo – Benjamin Wiker

1984 – George Orwell

A grande mentira – Ricardo Vélez Rodríguez

A ilha do Dr. Moreau – H.G. Wells

A inversão revolucionária em ação – Olavo de Carvalho

A mentalidade anticapitalista – Ludwig von Mises

A morte da medicina – Hélio Angotti Neto

A Nova Era e a Revolução Cultural – Olavo de Carvalho

A nova guerra contra Israel – Jed Babbin e Herbert London

A Revolução dos Bichos – George Orwell

A roupa nova do rei – Hans Christian Andersen

A teoria da exploração do socialismo-comunismo – Eugen von Böhm-Bawerk

A tragédia do euro – Philipp Bagus

A vida é traição – Luiz Cezar de Araujo

Ação humana – Ludwig von Mises

Admirável Mundo Novo – Aldous Huxley
Apoteose da vigarice – Olavo de Carvalho
Ciência e mito – Wolfgang Smith
Como vencer a guerra cultural – Peter Kreeft
Contra o cristianismo – Eugenia Roccella e Lucetta Scaraffia
Crime e castigo – Fiódor Dostoievski
Criminocracia – Leônidas Correia das Neves
Da guerra à pacificação – Ricardo Vélez Rodríguez
Desinformação – Ion Mihai Pacepa, Ronald J. Rychlak
Do comunismo – Vladimir Tismaneanu
Dom Quixote – Miguel de Cervantes
Fahrenheit 451 – Ray Bradbury
FEBEAPÁ (Primeiro Festival de Besteira que Assola o País) – Stanislaw Ponte Preta
Física e realidade: Reflexões metafísicas sobre a ciência natural – Carlos A. Casanova
Gender, quem és tu? – Olivier Bonnewijn
Guia politicamente incorreto da América Latina – Leandro Narloch e Duda Teixeira
Guia politicamente incorreto da filosofia – Luiz Felipe Pondé
Guia politicamente incorreto da História do Brasil – Leandro Narloch
Introdução à Nova Ordem Mundial – Alexandre Costa
Maquiavel pedagogo – Pascal Bernardin
Maquiavel, ou a confusão demoníaca – Olavo de Carvalho
Mentiram (e muito) para mim – Flavio Quintela
Mentiram para mim sobre o desarmamento – Flavio Quintela e Bene Barbosa
Naked Communist – Willard Cleon Skousen
Não, Sr. Comuna – Evandro Sinotti
O alienista – Machado de Assis
O apanhador no campo de centeio – J. D. Sallinger
O caminho da servidão – Friedrich Hayek
O cristianismo e a Nova Era

O estrangeiro – Albert Camus

O imbecil coletivo: Atualidades inculturais brasileiras – Olavo de Carvalho

O imperador no exílio – Conde de Affonso Celso

O Império Ecológico – Pascal Bernardin

O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota – Olavo de Carvalho

O outro lado do feminismo – Phyllis Schlafly e Suzanne Venker

O senhor das moscas – William Golding

O senhor do mundo – Robert Hugh Benson

Pare de acreditar no governo – Bruno Garschagen

Poder global e religião universal – Juan Claudio Sanahuja

Ponerologia: Psicopatas no poder – Andrew Lobaczewski

Preconceito contra as armas – John Lott Jr.

Sócrates encontra (Marx, Maquiavel, Descartes, Sartre, Kant, Hume) – Peter Kreeft

Violência e armas – A experiência inglesa – Joyce Lee Malcolm

Filmes e documentários indicados:

A grande farsa do aquecimento global – Channel 4

Agenda – Grinding America Down – Curtis Bowers

Borat – Sacha Baron Cohen

Brazil – Terry Gilliam

Dr. Mabuse, o jogador – Fritz Lang

Eles vivem – John Carpenter

Festim diabólico – Alfred Hitchcock

Four Lions – Christopher Morris

Idiocracia – Mike Judge

O ditador – Sacha Baron Cohen

O poder dos pesadelos – BBC

O sentido da vida – Monty Python

O testamento do Dr. Mabuse – Fritz Lang

Os mil olhos do Dr. Mabuse – Fritz Lang

Pallywood – Channel 4

Psiquiatria: Uma indústria da morte – Citizens Commission on Human Rights

The Soviet Story – Edvins Snore

Um estranho no ninho – Miloš Forman

Zeitgeist refutado – Norman Geisler

Visite também o blog do livro:

<https://bem-vindoaohospicio.blogspot.com>

e a sua página oficial no Facebook:

<https://www.facebook.com/bemvindoaohospicio>



Respostas aos xingamentos mais prováveis

Não tenho dúvidas de que ao mostrar as idiossincrasias da política, da cultura e da nossa sociedade em geral, algumas pessoas sentirão como ofensa o que deve ser encarado como indicações que merecem observação. Como tudo foi feito com humor e sem qualquer tipo de compromisso, os xingamentos serão recebidos com grande prazer e *status* de homenagem.

Fascista, nazista: Tenho asco de todo regime político que esmaga o direito individual para supostamente valorizar o coletivo, que dá ao Estado mais poder no mesmo instante que tira do indivíduo suas liberdades elementares. Fascismo, nazismo e todas as formas de socialismo ou comunismo são regimes coletivistas e estatistas que agem e agiram exatamente assim, portanto, estão sempre em oposição aos interesses que defendo. Entendeu ou será preciso desenhar?

Homofóbico: Não cabe a ninguém julgar o comportamento privado de terceiros, desde que essas atitudes interfiram apenas na sua vida. Por outro lado, acredito que ninguém deve ter privilégios ou leis específicas. Se você acha que pensar assim é o mesmo que odiar homossexuais, procure um médico.

Misógino, machista: É incrível que ainda temos que repetir: acreditar que existem diferenças entre os sexos e comemorar que as coisas sejam assim não têm nenhuma relação com ódio. Os direitos de homens e mulheres devem ser exatamente iguais, mas isso não significa que não existam características particularidades entre os sexos. E a idéia de que o sexo é uma construção social é uma das coisas mais estúpidas da História.

Racista: Usar esse xingamento com uma pessoa que acredita que a questão da raça deveria ser esquecida, abandonada e abolida das discussões públicas não parece ser uma coisa muito inteligente.

Materialista, egoísta: Sim, defendo a meritocracia, mas isso não significa despreocupação com os menos favorecidos. Ao contrário: sempre que se encontram iniciativas que colaboram, de fato, para uma sociedade mais justa, o fundo moral é estruturado dentro de princípios bem claros de merecimento, de bem e mal, de certo e errado etc. Isso não exclui, evidentemente, a caridade pessoal como força de equilíbrio da civilização. Como católico acredito inclusive que a Caridade é uma virtude teologal, junto com a Fé e a Esperança.

Burro, idiota, analfabeto, “vá estudar”: Normalmente quem usa

esses xingamentos está apenas exteriorizando sua própria ignorância, caso contrário seria mais sutil e inteligente corrigir o que está errado e ridicularizar toda minha forma de pensar. Mas adianto que, como eu não escrevi nada, nunca, com a intenção de convencer alguém ou provar o que quer que seja, mas apenas com o intuito de provocar a observação, qualquer ataque às minhas opiniões será de pouquíssima utilidade por uma razão: porque eu não ligo!

Louco: Tendo em vista as inúmeras incongruências que detecto diariamente no meu comportamento, esse eu aceito.

Exame sugerido

Depois de ler tantas coisas relacionadas às mais variadas formas de loucura, que tal um rápido teste para avaliar sua insanidade?

Pontuação:

- Concordo = 02 pontos
- Talvez = 01 ponto
- Não concordo = 0 ponto

1 – O *bullying* é um problema grave e deve ser coibido mesmo que a liberdade e a educação sejam comprometidas;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

2 – A centralização do poder é uma forma de combater a fome e a miséria;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

3 – Diminuir a maioria penal é uma forma de preconceito contra negros e pobres;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

4 – Só um Estado forte pode garantir a igualdade de direitos e melhorar a distribuição de renda;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

5 – O desarmamento civil vai diminuir a violência;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

6 – O cristianismo tornou a sociedade machista e opressora;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

7 – Tudo o que é novo é melhor do que é velho;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

8 – O financiamento público de campanha vai tornar as eleições mais equilibradas;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

9 – Ser socialista, comunista ou outra forma de coletivismo significa amar os pobres e necessitados;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

10 – Os ativistas são pessoas preocupadas com o mundo e dispostas a sacrifícios pelo bem comum;

☐ Concordo

☐ Talvez

☐ Não concordo

*RESULTADO: Se você fez pelo menos 01 ponto, você está louco.

*“Era decisivo. Simão Bacamarte curvou
a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda
mais alegre do que triste. Ato contínuo,
recolheu-se à Casa Verde”.*